

INDICE

TÍTULO	PÁGINA
Um moço de fora	02
Conversa no botequim	06
Amor que começa tarde	11
<i>Amarcord</i> de sabores	20
Uns Alves, da Beira do Mato	23
Anjo valente	26
De como dar notícias ruins	32
Pereira procura	35
Minha vida de cachorro	39
Vista Alegre	42
Um anjo louro	44
Infância	47
Matéria Médica	49

Um moço de fora

Naqueles tempos, tudo começava a ser diferente de antes, no país e no mundo. Havia na Europa aquela guerra monumental, que cobrava preço alto em vidas e destruição. Do lado de cá as coisas bem ou mal se moviam. A grande Nação do Norte tinha abandonado seu afastamento dos conflitos, depois dos ataques dos Orientais ao Porto das Pérolas e se lançava, finalmente, à maratona que iria mudar de vez o mundo. Ou, pelo menos, apressar tais mudanças. O País, entre a contingência de ficar recostado a seu berço esplêndido ou entrar de vez naquela peleja que alteraria a ordem até então posta, optou por esta última, não sem antes cobrar seu preço em moeda forte, em cessão de território, em ruptura com o Eixo do Mal maior, na abertura a negócios lícitos e ilícitos em borracha e minério.

Mas antes é preciso dizer que já em décadas anteriores à Grande Guerra, o berço esplêndido era sacudido pelo cataclismo da modernidade, com cada vez mais gente nas cidades, a fumaça das indústrias por toda parte, o advento de novas máquinas para tudo. Entre outras aplicações destas últimas, as máquinas de plantar e fazer a terra produzir.

E a história do personagem passa por aí também, dado que o Moço que depois de criado em roças remotas, teve a chance, improvável em outras circunstâncias, de ir estudar na cidade que se muito destacava, àquela altura, nas novas tecnologias da agricultura. Ali teve portas abertas por parte de um conterrâneo, pertencente a um estrato mais bem situado daquela sua aldeia pobre e esquecida, mas que galgara degraus na escada social, virando professor e especialista nas novas técnicas agrícolas. Naquela cidade marcada pelo saber agrícola tudo resultava de influência política, não tanto da pujança local ou regional na arte de plantar e colher. Mas não seria sempre o este o modo das coisas acontecerem no país?

Se fosse para contemplar uma região de real vocação agrícola, esta seria formada pelos vales e vertentes de onde nascera o Moço desta história, com sua terra calcárea e seu cerrado frondoso, verdadeiro padrão nacional em matéria de terras férteis e de produtividade, em que o milho é era colhido à razão de cem por um. Mas tudo isso ocorreu no país em que, se tudo estava mudando, muita coisa se transformava apenas para tudo continuar como dantes, conforme o dito da literatura.

E assim o Moço filho daquela terra fértil, completada sua formação técnica, indicado pelo mesmo conterrâneo que o encaminhara para estudar agronomia, vai buscar emprego, na grande empresa mineradora recém fundada, dita *A Companhia*, empreendimento escorado pelo “esforço de guerra” articulado entre a Grande Nação do Norte e a ditadura nativa. N’*A Companhia* ele foi atendido pelo diretor geral em pessoa, que em rito deveras sumário, quis saber se ele tinha experiência

em horticultura, pois o projeto das instalações de mineração incluía a produção de verduras para alimentação dos operários, que já então eram contratados aos milhares, vindos de todas as partes da nação. Ele mal teve tempo de digerir a pergunta, balbuciou um “sim” intimidado e afobado, saindo dali contratado.

Poucos dias depois o Moço pegava o trem rumo ao desconhecido e de uma estação remota, em carona por caminhão, acabaria por chegar ao lugar onde iria produzir benfazejas verduras para alimentação de tantos peões. Susto maior ele não poderia sofrer. Ao invés dos campos espriados de seu Oeste natal, o que ele via ali era uma sucessão de montanhas encavaladas, encostas cobertas por uma mata escura e tão diferente daquele cerrado que lhe era tão familiar. Ali havia frio, chuva, além de nevoeiro, que duravam dias e até semanas. Tudo muito diferente do que ele até então conhecera. Só não voltou para a casa do Pai porque já não cabia, nem um quarto ou cama tinha ali para ele. Enquanto estivera fora nasceram mais dois ou três irmãos.

Com tudo o Homem se acostuma, entretanto – e o moço não fugiu à regra. Principalmente por lhe pingar no bolso, ao final de cada mês, o sagrado dinheirinho do salário, coisa até então praticamente inédita para ele. De tal forma que do azedo fruto que encontrou na chegada àquela paisagem de montanhas e matas, talvez não tenha sido difícil fazer um bom refresco. Melhor ainda que naquele ambiente de forasteiros não parecia difícil fazer amizades, pois todos talvez aspirassem um mínimo de camaradagem para suportarem aquele exílio no meio de muita poeira, frio e trabalho pesado.

E assim o Moço, que de casmurro não tinha nada, acabou por se aproximar de pessoas da terra. Mesmo que por parte desses nativos houvesse razões, facilmente confirmáveis, aliás, para se desconfiar e até rejeitar os adventícios. Coisa boa, entretanto, ele fez talvez não de forma pensada, indo morar em uma pensão improvisada em casa de família legítima da terra. Isso, aliás, seria um caso rotineiro na vida daquela cidade fria e pouco acostumada a novidades e oportunidades de faturar algum dinheiro extra. O moço, um tanto tímido, sem deixar de ter um temperamento se não comunicativo pelo menos curioso, acabou vendo lhe abrirem portas amigáveis entre aquela gente de aparência tão fechada. E assim, através de filhos coetâneos daquela família, o Moço acabou se aproximando e ampliando suas amizades com a rapaziada nativa. E, é claro, com abertura também para as primeiras insinuações de namoro, que mesmo vistas com desconfiança pelas famílias dali, representavam algo novo e tentador para as mocinhas nativas, certamente enfastiadas com o ambiente endogâmico e repressivo que dominava o cenário local.

E assim ele foi sendo deglutido, mas também incorporando os hábitos da cidade, os quais, com o passar do tempo, já lhe pareciam familiares, como se deles fosse partícipe desde sempre. Não era tarefa difícil, feita

afinal por costumes comuns ao pequeno (e ao mesmo tempo vasto) mundo do País interiorano. Entre tais hábitos comuns certamente estava o *footing* das noites em finais de semana. E a chegada das levas de rapazes propiciada pela *Companhia* certamente deve ter trazido variedade e densidade àquela atividade tão celebrada e, por que não dizer, tão necessária à boa vida social das comunidades humanas.

Diferença possível é que enquanto em sua terra as ruas e praças eram mais amplas para a passeata da moçada, a exiguidade montanhosa de da nova cidade fazia com que isso se desse ao longo de uma única rua, estreita por sinal, exigindo dos praticantes não mais um percurso em largos “círculos” (ou retângulos), como nas praças interioranas a que o Moço estava costumado, mas agora linear e curto, com pontos convencionados de meia volta-volver. E assim, do *Largo* até o *Clube Atlético*, numa extensão que talvez não chegasse a 300 metros, entre casarões centenários, nas tortas ruas calçadas em minério de ferro, dentro da neblina das noites brancas e sem horizontes que então escondiam o finado Pico onde a *Companhia* travava sua enorme exploração, a mocidade local, fosse nativa ou adventícia, perfazia o ritual do caminhar noturno aos sábados e domingos, com as devidas restrições, não apenas as geográficas e peculiares à cidade, mas também as derivadas da vigilância estreita das famílias, principalmente em relação à moralidade das suas estimadas donzelas.

Eis que numa dessas jornadas, olhares se cruzaram e o ferro das calçadas não empatou, botou ferrugem ou bloqueou a curiosidade, talvez simpatia, depois amor, a acometer mais de um forasteiro e uma nativa. Nesta ocasião o Moço já estava enturmado e um de seus melhores amigos era H., membro de tradicionalíssima família que representava um dos reservatórios morais e intelectuais da cidade, na qual, em verdade, do ponto de vista material e financeiro, a posse de numerário em dinheiro e bens já estivesse em outras mãos, totalmente estranhas ou estrangeiras. Num daqueles cruzamentos fugidios de olhares, ele resolveu consultar se grande amigo H. sobre quem era a dona daqueles olhos tímidos, mas sem dúvida promissores. A resposta surpreendeu ao Moço: *é minha irmã, fique longe dela, não é pra você!* E nisso se demonstrava não haver qualquer receptividade.

Afinal, companheiros de farra que eram, o provável é que tivessem intimidade suficiente para que soubessem de trampolinagens impúblicáveis recíprocas. Coisa mais ou menos do tipo: *este serve para ser meu bom amigo, mas para cunhado são outros quinhentos*. Assim, certa etiqueta de *bas-fond* deve ter prevalecido e o Moço decidiu não insistir. Por enquanto, pelo menos. Ou talvez fosse hora exhibir algumas qualidades das quais o amigo H. até então não havia se apercebido. Sair melhor na foto, pensou ele, deveria ser o primeiro passo, o resto se veria depois.

Como nada resiste a um pouco de paciência e calma, tudo se acertou em seguida, sem muita conversa, mas com algumas atitudes, como convinha à boa índole daquela gente montanhosa e manhosa. O fato é que com algumas intermediações de amigos, talvez até com a participação do próprio amigo H. foi possível encetar o namoro, com todo respeito e sempre de acordo com os costumes. O Pai, Doutor e herdeiro do que havia de mais tradicional na terra, pelo menos antes da mineração começar, deve ter sido o último a saber, mas não chegou a causar problemas ao pretendente, pois ele não era disso e certamente deve ter estimado haver boas intenções no moço forasteiro.

Com a Mãe da Moça, entretanto, teve menos sorte. Quando já havia se tornado mais íntimo da família, na era do noivado, foi buscá-la na fazenda da família, em sua camionete de funcionário da *Companhia*. Um pouco por estar prestando atenção na estrada, mas talvez também por lhe faltar assunto, embargado pela timidez, se distraiu da presença da futura sogra na boleia e quando se deu por achado, simplesmente reparou que ela não estava mais ali e que a porta da direita do veículo abria e fechava no vazio. A pequena roceira que vinha de carona no assento ao lado murmurava, assustada: *seu Moço, a Patroa caiu lá atrás...* Pelo retrovisor pôde enxergar a enrascada em que estava metido. Lá longe, a senhora futura sogra sacudia a poeira e já vinha caminhando, claudicante e contrafeita, em direção ao carro. Mas se raiva houve, foi só no momento, acabou logo. E tudo não passou de um susto. Mais do que isso, rendeu boas risadas na família por muitos anos.

Aos poucos, assim, acabou o Moço muito bem assimilado pela família, seja por H., pelo Pai Doutor, pela Senhora Sogra, demais irmãos – e naturalmente também pela Moça que fora objeto de sua corte. Assim, nada mais natural, interromperam-se os estudos da moça, antes mesmo dos 18 anos e foram, a mãe e ela, nesta ordem, cuidar do enxoval.

Na hora pedi-la em casamento ao Pai, imperou a formalidade da época e quem na verdade representou o Moço foi um terceiro, o respeitado Tio Pedrico, amigo do futuro sogro e conhecido também – além de simpaticante – do Moço forasteiro. Em outubro de certo ano, no pós guerra, casaram-se na Igreja Matriz e em julho do ano seguinte, dentro da marca regulamentar dos nove meses – nunca menos do que isso! – nasceu-lhes o primeiro filho.

A vida da nova família ali, contudo, durou pouco. O Moço era herdeiro de uma sanha negociasta de família, com seu Pai na dianteira, especialistas em fazer barganhas, com certo despreço pelo trabalho assalariado comum. Assim, o Moço e a Moça, mais o primogênito com pouco mais de um ano e um segundo filho prestes a sair da barriga da Mãe, se mudaram para a Capital, cumprindo a sina genética de fazer negócios. Por algum tempo foram barganhas de compra e venda de

cereais e porcos vivos, trazidos das regiões produtoras do Norte do Estado, com entrega aos mercados consumidores da Capital e cidades maiores. Ao Moço coube pilotar um destemido caminhão Chevrolet, recebendo uma percentagem nos negócios realizados. Como tudo devia mudar, sempre, veio depois a fase do transporte urbano, na qual se envolveram além do Pai e alguns de seus filhos, incluindo o próprio Moço. Trabalharam assim como mouros, até mesmo saindo da cama às cinco da manhã muitas vezes para pegarem, diretamente, o volante dos coletivos. Já o Moço e seu Pai logo se enjoaram daquilo – ou acharam demasiadamente trabalhoso – e foram tentar outras atividades. Mas ninguém nunca enriqueceu de verdade, de uma forma ou de outra.

E assim se encerra esta história, feita de alegrias e sustos; glórias e misérias; vitórias e derrotas; sonhos e frustrações; perdas e ganhos. Como acontece na vida de todo mundo. Não há muito a acrescentar a isso.

Conversa no botequim

Meu amigo José Vespasiano de Mattos Alencastro, que em nossa roda de final de tarde, no Bar Alecrim, é conhecido como Matusalém e mais uma manada de apelidos, que nele pegam como visgo, tais como Vespa, Vespúcio, Alenquito e por aí a fora, pois que ele não se incomoda em absoluto com isso. Leva sua vida em harmonia com a idade e com o mudo ao redor. Viúvo há muitos anos tem por companhia apenas uma empregada, a Marieta, quase da sua idade, sobre a qual as piadinhas dos amigos são quase inevitáveis. Para mim ele é Matusalém, não apenas por sua idade, quase 90 anos, mas pela vontade e graça que encontra em tudo na vida, sua capacidade de enxergar “além” da realidade. Pessoa muito querida por todos, é uma espécie de conselheiro que temos quando bate em alguém um certo desgosto com a vida e particularmente com a idade, em um grupo que o mais novo já beira os 70. Por esses dias ouvi em tal patota a conversa seguinte, que tento reproduzir aqui.

- Eita, Matusalém, qual é o segredo afinal?
- Que segredo, sujeito?
- Este seu, de viver tanto e ainda achar graça em tudo...
- Não tem segredo, acho que já nasci assim.
- Mas vai, conta pra nós... Que elixir anda tomando, além dessas cervejinhas aqui? Porque umas louras todos nós apreciamos, mas

ninguém aqui tem a sua disposição, ainda mais sendo o mais velho desta turma.

- Querem saber mesmo?

- Desde que você seja sincero...

- Primeira coisa, não é por força de nenhum remédio. Aliás, tenho uma história para contar sobre uma pessoa que conheci na juventude. As novas gerações desta cidade, como vocês, talvez pouco ou nada sabem sobre ele. É aí que começa e acaba o meu segredo.

- Vespúcio, você por acaso está chamando a gente de “nova geração”? Já começa com gozação, ou mentindo!

- Deixa eu contar a minha história, hoje não posso ficar até tarde.

- Vai marcar ponto com a Marieta, hahaha.

- Seguinte: ele era médico, natural da outra banda do estado e trabalhou aqui na cidade desde sua formatura, ainda nos anos trinta. No começo, era radiologista, destacando-se também como esmiuçador de uma doença sofrida por muitos, chamada por aqui de *mal do engasgo*, um impedimento de que a comida ganhasse seu necessário curso no organismo, pelo menos passando do esôfago ao estômago. Coisa que inutilizou muita gente em toda a nossa região, veiculada por um percevejo do mato, em sociedade com tatus e gambás, mediante abrigo em cafuas de pau-a-pique. E a tarefa dele era de diagnosticar o mal, em seu equipamento radiológico, mas ele logo viu que só isso não bastava, tinha que tratar aqueles coitados também, que não conseguiam realizar nem mesmo a mais simples e essencial das funções necessárias à existência animal: comer. O alimento simplesmente lhes parava no meio do caminho, de algum ponto da *pacuera*, como diziam, e dali não prosseguia, devolvido à boca e ao prato com pesar e dor intensos. E isso lhes acontecia mesmo que passassem a tentar ingerir o arroz com feijão de cada dia em doses dignas de passarinhos. Comer carne ou qualquer coisa mais dura ou volumosa, como um bom pedaço de mandioca frita, ou uma boa manga Sabina, por exemplo, nem pensar.

- Tinha um método de tratamento simples: amarrava uma camisa de vênus na ponta de um tubinho e fazia a pessoa engolir aquilo. Uma vez localizado o artifício no ponto certo, através dos raios de seu aparelho, adaptava na ponta livre do tubo a uma pera de aparelho de pressão e inflava aquilo, em sessões repetidas a cada semana, com um grau de dilatação cada vez maior. Não chegava a curar totalmente ninguém, mas produzia reconhecido bem-estar, que se traduzia pelo ganho imediato de peso para muitos deles, além da felicidade de voltar a comer

quase normalmente, pelo menos por algum tempo. Depois era só repetir o processo de novo.

- Mas não pensem vocês que foi só isso. Aquela associação do *mal do engasgo* com o percevejo do mato não era reconhecida pela ciência médica da época, que atribuía o problema à falta de algumas vitaminas no organismo. Ele, entretanto, percebendo que a coincidência geográfica entre o tal engasgo e a dilatação do coração, esta já atribuída ao contato com o percevejo-barbeiro, poderia ter a mesma explicação, insistiu em tal tese, procurou sua confirmação através de alguns exames laboratoriais já disponíveis e apresentou seus resultados num congresso de luminares. Quase foi massacrado por certo catedrático da grande universidade paulista, mas poucos anos depois sua teoria provou ser a correta. Mas a esta altura ele já havia mudado de especialidade.

- Conta mais, Vespa, conta! Parece que o caso é bom. Melhor ainda se for verdade...

- Foi assim: ele já havia ficado famoso em tal tarefa, mas enfrentou um sério problema, dadas as muitas horas que passava exposto aos raios X, seja como diagnosticador ou tratador do mal do engasgo. Os efeitos deletérios disso ainda eram pouco conhecidos na época, mas ele esteve envolvido com tais tarefas por mais de duas décadas. No final suas mãos tinham verdadeiras chagas abertas, as queimaduras actínicas, conforme a linguagem médica, com risco de se agravarem e se transformarem em câncer, levando até à amputação. Foi assim que ele teve que parar com a radiologia e procurar outro emprego.

- Mas me pareceu, Alenquito, que você não ia nos ensinar alguma coisa sobre viver bem, ou viver muito? O que tem a ver com esta história até agora?

- Esperem, eu chego lá.

- Fechou o consultório e empacotou o equipamento, que logo foi vendido ao hospital da cidade vizinha. Ficou a ver navios, literalmente, sem ter o que fazer da vida. Resolveu se dedicar à política. Como já tinha simpatia pela causa comunista, mesmo com todos os preconceitos de sempre no país, resolveu se candidatar a vereador pelo tal partido, sendo facilmente eleito, com o apoio, certamente, de uma multidão de *engasgados* e de seus familiares.

- O cara era ousado... Aliás, dizem que comunista quando dá para trabalhar ninguém segura. É tudo pela causa, pela ditadura do proletariado...

- Pela abolição da mais valia, da propriedade, da família...

- Seja como for, aquele ali não deixou por menos. Transformou-se em precursor da legislação sanitária na cidade, onde se criava porcos nos fundos de quintal, se jogava lixo no meio da rua, até mesmo as placentas de quem nascia, até abrigavam mulas e vacas nos terrenos domiciliares. Tudo isso era coisa comum. Curiosamente, seu parceiro nessas empreitadas era outro vereador, também médico, mas filiado à corrente oposta aos comunistas, o integralismo. As divergências de pensamento não impediram que os mesmos fizessem coisas boas para a cidade.

- Vespa, este aí não é aquele mesmo cara que dá nome ao viaduto sobre a BR?

- Ele mesmo. Um dia veio a receber tal homenagem de suas excelências, mas só muito tempo depois de morto, sendo dado seu nome ao tal viaduto e a uma unidade de saúde, em bairro pobre da cidade, onde viria a atuar depois.

- Antes tarde do que nunca...

- Mas o fato é que extinto seu mandato pela proscrição do partido comunista, novamente desempregado, foi convidado por um colega a assumir as tarefas do Serviço de Lepra aqui na cidade, pois aquele começava a se firmar no território privado e tal emprego já lhe causava alguma rejeição na clientela. Assim, o médico desta história escapou da radiação ionizante, caiu na discriminação ideológica e ato contínuo foi dar no brejo do contágio e da estigmatização. Sobre isso apenas dizia, então: *não quero é ficar parado*.

- E ficou nisso? Na lepra? Qual é afinal a moral desta história, Matusalém?

- Se você tiver paciência, eu explico.

- Ali na *lepra* estive por uma dúzia de anos, ganhando simpatia e amizades. Os vizinhos se incomodavam pois era comum que alguns pacientes o procurassem diretamente em casa. Não tinha sossego aquele homem. Arranjou encrenca também com os burocratas do serviço, quando resolveram rebatizar a doença, agora a ser apelidada de *hanseníase*. Acatou a medida e nem tinha como deixar de fazê-lo, mas um comentário seu ficou famoso e repercutiu além dos limites de seu mundo interiorano: *isso é igual vender o sofá no qual se surpreendeu a mulher em colóquio amoroso com outro homem*.

- Até que um belo dia, já passado dos sessenta anos, sentindo algumas dores e percebendo a presença de sangue nas evacuações, resolveu fazer um *check-up*. Foi-lhe então diagnosticado um câncer no intestino. Foi atendido por um filho também médico que fora fazer residência nos Estados Unidos e por lá ficara. Este, valendo-se do proverbial

pragmatismo norte-americano, recomendou-lhe cirurgia radical, executada sem maiores delongas.

- De volta à velha casa onde vivia com a esposa, ali na parte baixa da cidade, vocês sabem onde, portador de uma bolsa de colostomia temporária e sem maiores garantias de cura do tumor maligno, resolveu tomar iniciativas em relação à vida, como se ela não lhe fosse já suficientemente movimentada. Reformou sua casa, construiu um enorme viveiro para colibris, adquiriu equipamento fotográfico de última geração e começou a fotografar aves, paisagens, árvores e pessoas, ganhando inclusive sucessivos concursos de fotos artísticas.

- E viveu para sempre depois disso?

- Não. Morreu, mas apenas passados mais de dez anos, não de câncer e sim de ataque cardíaco. Com o quintal cheio de beija-flores e uma prateleira de medalhas e troféus de concursos fotográficos. Tenho quadros com fotos dele até hoje lá em casa.

- Nossa! Aí entram os tais “projetos”, então?

- Sim, aquele homem estava com câncer e tinha muitas incertezas sobre sua saúde. Mas uma coisa lhe era certa: seus projetos mais estimados precisavam ser iniciados ou continuados. Poderia ser chamado de “doente” alguém assim?

- Doente sim... Mas ao mesmo tempo sadio este aí? Sei lá...

- Já concluo: já vi muita gente morrer em gozo da mais perfeita saúde, mas também viver em estado de decomposição física e mental. A história deste homem é bem demonstrativa disso. É assim que lhes revelo o meu segredo, sem medo de errar: a grande força que mantém as pessoas vivas é aquela que as leva a se imaginar no futuro, ou melhor, na sua capacidade de realizar algo dentro do tempo que virá.

- Poxa, gostei do arremate, Vespúcio!

- Em outras palavras: o importante é ter projetos para manter a saúde. E eles podem ser materiais, espirituais, amorosos, políticos, oníricos, normais ou amalucados – sei lá quantas possibilidades existem.

- Eita, acho que você tem razão. Mas certamente não se aplica a todos os casos. Eu, por exemplo...

- Seu caso individual não importa. A regra de vida deve ser: *ter saúde é ter projetos*. Tal frase não é minha, creio que foi um cientista que ganhou o Prêmio Nobel nos anos 60 que a pronunciou. Mas não importa, faço dela uma profissão de fé. Assim de memória até consigo lembrar de pessoas que levaram isso a sério, mesmo que não tivesse

formulado explicitamente algo parecido. Trago a lembrança de São Francisco de Assis e de Betinho, para falar de dois santos do meu oratório pessoal. Mas a história nos oferece muitos outros exemplos de gente a quem a doença ou a proximidade da morte não retiraram a vontade de fazer as coisas acontecerem. Vocês mesmo devem conhecer alguém assim.

- Eu que sou médico, Vespasiano, tiro disso o seguinte: acho que é preciso valorizar os *projetos* dos nossos pacientes. Acho que seria o caso de incluirmos em nossos interrogatórios uma simples pergunta: *que projetos você tem para sua vida?* Assim a gente poderia, quem sabe, levantar e programar como parte do tratamento dessas pessoas – com a ajuda de outros profissionais – o desenvolvimento de seus projetos pessoais, sejam de qualquer natureza.

- Você toca em um ponto corretíssimo...

- Resultaria disso um enorme benefício para os pacientes, com certeza. Afinal, quem tem projetos em vista possui, pelo menos potencialmente, muito mais saúde do que quem não os tem e disporá, por isso mesmo, de mais razões para continuar vivo e se cuidando, ajudando assim os médicos e suas balas milagrosas se tornarem de fato mais efetivos. Um dia, quem sabe, isso se tornará realidade. Chega por hoje, é o que tinha a contar para vocês.

- Demais, Matos-Matusalém. Você é nosso ídolo!

- Mas eu completo, além de tudo é preciso ter foco no que se faz e sempre buscar e acreditar nas coisas que a vida nos oferece. E se me dão licença, agora vamos para a saideira.

- Muito bem Vespa, aplausos para você!

- Vou saindo, minha aula de dança grega – aquela do Zorba – me espera.

Amor que começa tarde

*Amor é o que se aprende no limite,
Depois de se arquivar toda a ciência
Herdada, ouvida. Amor começa tarde.*

CDA – Amor e seu tempo.

Mulherengo Horácio não era. Definitivamente. Ficara viúvo muito cedo, em casamento no qual não se poderia dizer que ele foi feliz por inteiro, opinião talvez não compartilhada pela falecida. Poucos meses depois do velório resolveu fazer o que até então supunha não ter conseguido:

aproveitar a vida. E ele que tivera praticamente como única namorada aquela Mariana, sua colega de faculdade, tendo vivido com ela por quase 20 anos, oscilando entre apenas ignorar suas bizarrices sem reagir, se omitir, ou optar por um afastamento completo e carregado de traumas e culpas. E assim ele enxergou o luto como porta aberta para se “lançar na vida”, em campo no qual se considerava pouco aquinhoado, inspirado pela experiência de muitos de seus amigos, de terem namorado ou mesmo apenas vivido amores fugazes sem passar pelo que acontecera a ele, que se amarrara a um amor de juventude, além de tudo por uma pessoa que tinha como grande desejo na vida chegar virgem ao casamento. Depois de tudo, se ver destinado a passar com ela todos os anos que lhe restassem.

Até que Mariana teve um câncer de mama e morreu.

E assim, tendo cumprido Horácio todas as obrigações familiares e sociais relativas ao luto, em poucos dias se percebeu como portador de uma sensação que nunca suspeitara usufruir em tais circunstâncias: alívio.

Já na fase do inventário, com poucos meses de viuvez, percebeu na advogada que o atendia no escritório de um amigo uns olhares significativos e até mesmo calorosos. No último dia de comparecimento ao escritório, assinada a papelada final, ousou o convite: não quer sair comigo para tomarmos alguma coisa? Um café, quem sabe? Ela o surpreendeu pela decisão rápida: sim, topo, só não pode ser hoje. Tenho um filho sem ter marido e preciso cuidar dele, mas no final de semana, tudo bem. Ah, sim: não tomo café, prefiro uma cerveja ou um vinho. E você?

O encontro rendeu-lhe bons frutos, pelo menos nas noites inaugurais, quando sem muita delonga foram até o apartamento dela e ali fizeram amor de forma intensa.

Mais do que com ela, foi um reencontro com ele mesmo.

Mas Dalva - era o nome da advogada - tinha aparentemente em relação ao amor, uma atitude de fundo totalmente carnal. Ele logo percebeu isso quando depois de alguns encontros tentou marcar com ela a próxima escapada, mas a advogada lhe foi sincera: vamos deixar para quando der vontade e tesão; aí eu ligarei para você. Mas passaram-se semanas e depois meses e ela nunca mais ligou.

Tudo bem, vivendo aprendendo, pensou. Aliás, depois de 20 anos de um casamento totalmente monogâmico e monótono, Horácio se deu conta que tinha muito ainda a aprender em tal quesito.

Depois veio a moça do salão, a Judith, que lhe cortava as unhas. Delicada e miúda, mas portadora de um vulcão interno. Judith também

revendia roupas íntimas e a cada encontro comparecia com uma novidade, como, por exemplo, umas calcinhas que por assim dizer só tinham contorno, em vertiginosa forma de “v”, além de uma espécie de cordão, que lhe descia por entre as nádegas, com todo o restante território descoberto pela quase total ausência de pano, a não ser por um exíguo triângulo dianteiro. Mas ele logo desistiu dela, por se perceber incapaz de atender aquele furor tectônico. Além do mais, a moça deu para lhe pedir dinheiro emprestado com alguma frequência, sem falar de suas visíveis limitações intelectuais. Certo dia ele comentou que ela lhe lembrava um personagem de Bukowski, ao que a moça lhe indagou se este aí era aquele famoso jogador do Flamengo. E com isso ele logo viu que era hora de desembarcar, antes que uma separação dolorosa se fizesse necessária.

Mas com estas duas experiências, ele percebeu que algum aprendizado em relação às relações amorosas já lhe chegava: era preciso ser mais seletivo, inclusive no plano do espírito, além de aprender a administrar o tempo de uma relação, de forma a se tornar capaz de antever o sutil momento em que se instala o desinteresse, em qualquer dos membros de um par de amantes. Não precisava correr atrás de ninguém. O melhor era deixar as coisas fluírem.

Em uma viagem noturna de ônibus, ao Rio de Janeiro, estabeleceu amistosa conversa coma passageira ao lado. Elsa era uma mulher um pouco mais velha do que ele, mas dona de uma conversa interessante e insinuante, que terminou, às sete da matina, com a troca de telefones. Ele não deixou por menos, ligou uma semana depois, dando um tempo para ela voltar à cidade onde ele também morava, e marcou um encontro. Jantar, algumas doses a mais e cama para dois, a descoberta de um corpo enlouquecedor, com marquinhos de sol na medida, e em seguida a prática de um *kama-sutra* insano, regado a obscenidades verbais e gestuais. Pela manhã ele se despediu, um tanto constrangido, porque tinha ido parar ali naquele quarto meio cafona, completamente bêbado. Enquanto ele se decidia e valia a pena vê-la de novo, foi surpreendido por uma salva de telefonemas, convidado para sair, beber, fazer amor e mais coisas, numa linguagem digna de filmes adultos profissionais. Achou que aquilo já era um sinal negativo o bastante. Mudou o número do telefone depois de dizer a ela que passaria um tempo fora. E não mais a viu.

Um dia lhe apareceu uma prima distante da falecida, cujo nome ele nem se lembrava mais, que o procurou para matar saudades dela, mas que ele descobriu que na verdade o objeto era ele mesmo. Uma figurinha assemelhada a um barril e além do mais, fumante. Aplicou-lhe um *até mais ver* formal e ficou por isso mesmo.

Em outra ocasião, em uma festa de aniversário de formatura reencontrou Katia, uma antiga colega da Faculdade de Engenharia, que lhe revelou ter finalmente se divorciado de um colega deles, uma peste

cujas peculiaridades de chato irremediável ele conhecia muito bem. Ela o convidou para ir a sua casa ainda naquela noite e ali acabou por seduzi-lo a ficar com ela até a manhã seguinte. Desta vez, foi ainda pior, pois ele não conseguiu reunir o empenho cavernoso suficiente para consolá-la na cama, dentro de um quarto onde havia várias fotos do ex-marido. Ou seja, aquilo era para dar errado mesmo. No final ela mostrou-se decepcionada, embora tenha dito que compreendia. *Compreendia – o quê* – ele ficou cismando. Mas por via das dúvidas, resolver que não deveria procurá-la mais.

Sua vontade de ter mulher passou a ser saciada, um tanto esporadicamente, através de Claudete. Ele sabia que até aquele nome era falso, mas se encantou com a maneira discreta e até doce como deu com ela em um anúncio de jornal: *mulher madura, que sabe o que quer ... não quer compromisso, mas sim, dar e receber prazer, fazer um homem bem feliz ... atende a domicílio...* Mas não atendia a qualquer um, exigindo ver primeiro foto e resultados laboratoriais dos pretendentes, ou melhor, dos clientes. Encontros só depois de pelo menos duas ou três boas conversas por zap. Claudete, que ele um dia viu que se chamava realmente Sebastiana, graças a uma conta de luz esquecida em sua casa, era uma flor de pessoa. Nem ligou para a questão do nome, pois ela própria jamais lhe perguntara o nome e usava para ele apelidos carinhosos diversos, tratando-o por *senhor Horácio*, ou se referindo a ele, eventualmente, como *cliente*, como muitos outros que certamente interagiam com ela. No final do mês ela lhe trazia um boleto bancário, ele pagava religiosamente e daí tudo bem. Quem ficaria infeliz diante de uma facilidade assim, tão objetiva e prática, sem deixar de ser prazerosa?

Começou sua relação com ela com certo temor, mas passado algum tempo viu que era mais um acerto do que um erro em sua vida, e assim foi mantendo-a por perto. Foi então que ele aceitou a fazer com ela aquela espécie de carnê mensal de prestação de serviços, coisa que reduzia o preço unitário dos mesmos em até 20 ou até 30 por cento.

Até encontrar aquela mulher, tão diferente das demais que conhecera até então...

Ele estava numa livraria de shopping, esperando um filme começar. Sozinho, pois este era o seu estado assumido prazerosamente na ocasião, já que Claudete Sebastiana não contava. Comprou ingresso para o filme e aproveitou o tempo até o começo da sessão para folhear a esmo alguns livros. Eis que ela apareceu e foi logo perguntando, sem maiores preâmbulos, se já tinha lido e o que achava daquele livro aberto no momento? Não. Não tinha lido, mas aquilo era uma ótima deixa para prosseguir a conversa com aquela mulher de uns cinquenta anos, bonitona, perfumada, bem vestida e especialmente comunicativa, aspecto este logo confirmado. Pegaram a conversar sobre literatura em

geral, tendo ele ficado impressionado com o leque de referências que ela tinha, mais amplas do que as dele.

Ela lhe ouvia com atenção; ele retribuía. Ato contínuo, ela lhe indagou que filme iria ver, pois eu também iria ao cinema. Ou fui ele que indagou a ela, depois já não se lembrava mais. O fato é que os filmes não eram os mesmos, de forma que o passo seguinte, que ele achou encantadoramente ousado, foi dado por ela: você se incomodaria se eu tentasse trocar meu ingresso para ver este filme que você vai ver também? Assim, em poucos minutos, estavam sentados, lado a lado no escurinho, sem que ainda soubessem reciprocamente os nomes ou qualquer outro tipo de informação. Mas sem dúvida, era uma companhia agradável e havia reciprocidade, pelo que percebiam, de tal maneira que deixaram prosperar tal insólita proximidade, sem perder a oportunidade de comentar passagens da fita com os rostos quase colados, em sussurros, para não perturbar os demais espectadores. Boa química interpessoal ali se anunciava, mas naquele momento não passou disso.

No final da sessão, cumpriu-se um ritual previsível: que tal se fossem beber algo e conversar mais sobre o filme? Parecia uma intenção que ia além disso, claro, nenhum dos dois tentaria, depois, negar. E foram a um café nas proximidades, onde, naquele momento, eram os únicos fregueses, e por ali ficaram até que a hora de fecharem a casa. Assuntos se amontoavam e se chocavam entre os dois, fazendo-os notar que precisariam de mais tempo para colocar em dia as impressões e revelações recíprocas despertadas pela conversa. Assim foi que na despedida novo encontro foi marcado, em breves dias, de forma totalmente espontânea. E afinal não haveria, absolutamente, alternativa diferente para aqueles dois recém conhecidos. Daí ao enamoramento, ao primeiro beijo, às carícias ainda tímidas, mas promissoras, foi um passo bem curto.

Em poucos dias, a visita a uma livraria, bem mais repleta de opções literárias e musicais, que terminou com o que se parecia uma compra de “supermercado do mês”, selou, simbolicamente o novo estatuto que entre eles visivelmente se estabelecia, havendo somente certezas e felicidade naquilo tudo. Descobriram, entre outras coisas, serem criaturas desgastadas por relacionamentos mal escolhidos e malsucedidos e aquele encontro sugeria trazer a eles as chaves do Paraíso.

Passado algum tempo, ele pensou – e com certeza ela também – se não era hora de se conhecerem no famoso *sentido bíblico*. Seria tão simples em qualquer situação, mas diante de uma relação tão extraordinária como aquela, ele se torturava sobre como fazer aquilo de maneira compatível com a ternura e a pureza epifânicas que haviam desenvolvido um com o outro ao longo daquelas semanas preliminares.

E assim, sem explicitarem com clareza o objetivo, marcaram um encontro no apartamento dele, onde teriam total privacidade, ao contrário do espaço dela, às vezes visitado por filhos que tinham a chave da porta e não precisavam pedir licença para entrar. Ele correu atrás de Martini Bianco, a única bebida alcoólica que ela admitia beber, preparou-lhe umas *bruschetas* (a única coisa que sabia fazer) e ansiosamente pôs-se a esperar a chegada dela. Teve a ideia de lhe fazer um cartão de boas-vindas, buscando alguma imagem e rima com o prato que então lhe preparava, mas recuou ao se dar conta que havia mais rimas para *bruschetta*, algumas totalmente pornográficas e de profundo mal gosto.

Daí a pouco, um tanto afogueada, seja pelos três andares de escada ou, quem sabe, pela emoção do momento, ela chegou, bem composta e perfumada como sempre, mas, desta vez, com um perfume diferente do habitual, o que augurou a ele acontecimentos interessantes na sequência.

Ele mostrou as dependências do apartamento e propositalmente, para dar efeito de maior informalidade, não a convidou a se sentar na sala, mas sim no quarto que lhe servia de escritório, onde havia, além da cadeira do computador, um sofá relativamente confortável. Ali conversaram por meia hora ou um pouco mais, mas na mente do dois pulsava a ideia de que aquele encontro tinha uma característica inédita e especial para eles. Ela saiu para ir ao banheiro ou à cozinha, enquanto ele atendia um telefonema inesperado, logo encerrado. Na volta, já com a ligação terminada, ele de costas para a entrada, recebeu dela um toque carinhoso na nuca e nos cabelos, que o fez arrepiar. Não deixou por menos, fez girar a cadeira e puxou-a para o colo, beijando-a com delicadeza e calma. Passou-lhe a mão por debaixo da blusa, sentiu o cetim da pele, tocou levemente os seios ainda cobertos pelo sutiã, correu os dedos pelo cós da saia, apenas prenunciando a curva generosa das nádegas, que nas semanas anteriores já lhe haviam chamado especial atenção.

Com um breve olhar, absolutamente isento de palavras, entraram em acordo que era hora de ir para a cama. Mas apesar da suavidade de tudo, ele ainda estremeceu: como agir diante daquela situação, meu Deus? Ela não; mostrava-se absolutamente tranquila. *Artes de mulheres*, pensou ele.

Havia muitas perguntas a serem respondidas, mas pareciam afetar só a Horácio. No escuro ou com as luzes acesas? Aquele abajur de luz colorida, que mudava de cores automaticamente, aliás presente de Sebastiana, seria adequado ou pareceria vulgar e denunciaria a verdadeira história do regalo? Tirar toda a roupa ou ir por partes, em relação a ele e ela? Despi-la ou deixar que ela mesmo o fizesse? Que ritmo dar aos toques mais íntimos e sensuais? O que dizer a ela que não parecesse forçado ou vulgar? Como atender de forma elegante

aquilo que ela havia dito a ele alguns dias antes: que gostava muito de ser *surpreendida*, sem especificar se seria na cama ou em alguma outra circunstância.

As tais *artes de mulheres* iam se mostrando a cada passo, diante das dificuldades dele em saber o que fazer. Em dado momento ela desvestiu a saia e a blusa e voltou para a cama apenas de calcinha e sutiã. Ao observar tais peças ele resistiu, mas não deixou de se lembrar de algumas experiências suas, desde as ousadas tangas imateriais de Judith até a ausência total delas, como no caso da advogada, que já na primeira transa retirou o vestido pela cabeça e lhe apareceu em pelo, mostrando um corpo magnífico, onde se destacavam tatuagens eróticas, devidamente disfarçadas, certamente para não impedir a entrada da causídica em algumas varas dirigidas por juízes mais formalistas. E riu consigo mesmo, de forma disfarçada, mas achou aquilo muito engraçado.

Ah, a roupa íntima dela... Ela usava uma peça de qualidade e marca, mas de total conservadorismo, com pelo menos 20 cm de largura na região do ventre. Achou graça na comparação que lhe era possível fazer, sem deixar de considerar que aquele palmo de tecido era algo mais do que adequado, até mesmo consequente e indispensável em um primeiro encontro íntimo, como aquele.

Conseguiu relaxar e deixou-se conduzir. Ela parecia, se não experiente, pelo menos bastante prática naquilo. Ao vê-la quase nua, tirou parte da roupa e ficou só de cueca, aliás a mais nova que tinha e recém lavada, a propósito. Aliás, como em um passe de mágica tudo começava a ficar natural agora. Abraçou-a, beijou-lhe o pescoço, os braços, o ventre e as coxas. Ela se concedia a tais avanços e retribuía, com levíssimos gemidos que demonstravam prazer. O quarto, de repente tornado escuro pelo avanço do dia facilitou-lhes o passo seguinte: ele lhe retirou, sempre de forma delicada, a exuberante calcinha e o sutiã, tendo, porém, nesta última peça que contar com a ajuda dela, que em seguida aproveitou para lhe retirar a cueca.

E assim, nus como quer a natureza, humana inclusive, fizeram amor. Ele na casa dos 50 anos andava tendo certa dificuldade na penetração, coisa resolvida pela extraordinária experiência de Claudete Sebastiana em tal assunto, mas com ela, sua Dama da Tarde, voltou aos melhores momentos de sua juventude, sem que isso precisasse fazer retornar qualquer lembrança da falecida Mariana ou mesmo de Claudete.

Estimulados por algo que tocava no rádio, passaram a brincar com a aplicação de pequenas mordidas na barriga, peito e coxas um do outro. Aí ele se deu conta que aquele corpo de 50 anos tinha uma vitalidade e sensualidade próprias, que ele não trocaria pela firmeza dos peitos, coxas e bundas, pela variedade das tatuagens que ele conhecera aqui e ali. Naqueles momentos, como em epifanias sucessivas, percebeu que a

verdadeira beleza morava naquela mulher madura, ali bem a seu lado, a preencher vazios que ele nem suspeitara antes. Nenhum cântico dos cânticos poderia narrar momentos como aquele, *nem Salomão em toda sua glória*. Repetiu para ela estas frases e recebeu mil beijos profundos, com ela lhe segredando, em voz suspirante, nos ouvidos, uma canção de Leonard Cohen, *a thousand kisses deep*, que ela lhe apresentou em seguida, acessando no celular.

Aquilo só acabava para começar de novo. Após experimentarem mais de um orgasmo, deitaram lado a lado, ou então com ela apoiada com as coxas dela entre as dele. Com mais alguns minutos uma nova onda erótica crescia e viam a tesão florescer e pedir para ser colhida de novo. Só não deixaram o dia amanhecer com eles em tal estado porque ela tinha compromissos na manhã seguinte e precisava estar em casa para repousar um pouco.

- *Você quase acaba comigo*, disse para ele piscando um olho. Ao que ele respondeu, prontamente, cheio de si: **■** *you still haven't seen nada*.

Propôs a ela como saideira um banho a dois, ao que ela prontamente aceitou. E debaixo do chuveiro passaram mais uma boa meia hora, fazendo com que ela tivesse mais um orgasmo, o terceiro ou quarto do dia, apenas com a apreensão das coxas dela entre as dele, com leve pressão sobre seu sexo molhado e pulsante. Ao se soltarem teve a sensação de continuar sentindo, ali na coxa, a marca quente dos lábios do sexo dela, e desejou que aquilo ficasse assim por horas a fio. Nem quis se lavar.

Já em condições de ousar nas palavras, sentenciou: *quero **merecer** sempre esta espécie de 'carimbo' em minha coxa*. Ela gostou.

Deitados lado a lado, não mais nus, mas certamente desavergonhados por completo, ele descobria o que nunca suspeitara, que um corpo maduro de mulher não perde em beleza e sensualidade. Para que uma bunda firme, peitos a olhar os céus, coxas de vênus, se a dona disso tudo não soubesse tratar um homem com se ele fosse um Rei – ou um Deus? Ele agora via de que substâncias era feita a tesão mais forte que sentira na vida. Um novo conceito de atração, uma nova verdade, se afirmavam para Horácio. Por que haveria de querer algo diferente?

Aquilo superava, e de forma total, todas as suas melhores expectativas em relação a um contato íntimo. Tinha até esquecido o que era ter momentos como aquele. Com certeza, nunca os tivera, seja com Mariana, Dalva, Judith, Elsa e outras mais, entre as mulheres lembradas ou já esquecidas.

Não combinaram o próximo encontro nem qualquer rotina para que estes acontecessem. Apenas deixaram fluir as vontades, e estas, por algum desígnio da natureza, sempre se faziam acontecer, fosse para

num café no meio da tarde, um cinema, uma caminhada no bairro. Nos finais de semana, quando ela não estava em seu plantão de médica, procuravam um jeito de dormirem juntos. Ela nunca lhe perguntou sobre suas companhias anteriores e ele retribuiu-lhe de igual forma.

Estava Horácio vivendo momentos assim tão bons quando sentiu um sobressalto e percebeu que estava sonhando. Curiosas aquelas cenas, que haviam se transformado em um sonho que se repetia. Bem que ele queria que fosse verdade. Levantou para tomar um copo d'água e viu que Claudete tinha passado por ali, talvez porque tivessem marcado encontro, do qual ele se esquecera. Deixou um bilhete na cômoda: *volto outra hora meu bem, fique com Deus.*

Por este tempo, Horácio resolveu dar uma arrumação geral na casa, particularmente nos pertences de Mariana, que ele até então não tinha destinado a ninguém e nem mesmo sabia o que fazer deles. Havia uma caixa de cartas e outros escritos e entre estes um caderno com o título de *Desabaços de Mari*. Achou a princípio que não deveria abri-lo, mas logo mudou de ideia, pois a falecida esposa teve tempo suficiente para se desfazer dele e mesmo assim não o fez. Portanto, pensou, ela gostaria que ele lesse aquilo. Em determinada página ela se lamentava do que lhe dissera uma cartomante, que lhe revelou que ele, Horácio, somente encontraria o grande amor de sua vida mais tarde, talvez quando chegasse aos cinquenta anos ou mais. Assim estava escrito para ele.

Mariana nunca havia revelado tal fato a ele, mas Horácio se lembrou de certo momento, alguns anos da morte dela, quando a esposa se viu assaltada por uma espécie de ideia fixa. Ele achou aquilo meio maluco, pois coisas assim, aliás, faziam parte dos costumes dela e não lhe deu muita atenção, o que acabou facilitando, talvez, a suspensão de tal questionamento dentro de alguns dias ou semanas.

Sua desconfiança em cartomantes, pitonisas, ciganas, magas e assemelhadas arrefeceu um pouco. Mas achou melhor acreditar que se tal profecia fosse real, tudo bem, mas melhor ainda, o certo, certíssimo, era aquilo, não tendo qualquer dúvida sobre isso. E que tal coisa era um apogeu e uma síntese. Como engenheiro pensou: *é o zênite!* A verdade única e absoluta, na qual valia a pena acreditar, naquela sua vida tão errática até então.

E agora vinham aqueles sonhos, justamente quando ele estava prestes a completar 50 anos. Quem dera pudesse aquilo virar realidade. Afinal merecia que a vida fosse generosa com ele, e se prolongasse para lhe dar o tempo necessário para um encontro que finalmente acabasse com todas as suas procuras. Antes um começo tardio do que a espera do nunca, pensou, antes de ser tomado pela modorra de mais uma tarde tediosa e solitária.

Amarcord de sabores

Deitado nesta cama de hospital, esperando uma alta que não sei quando virá, só me resta botar a cabeça a viajar, porque já não aguento mais essas luzes piscando, esse bib-bip infernal, essas pessoas gemendo, esses banhos de gato, esse cheiro não sei de quê.

Eles vêm aqui medir minha glicose e outras coisas a cada hora e me olham como uma cara que vai da lástima ao horror, e não adianta interpelá-los que não me contam o que está acontecendo. Mas eu bem sei, desta vez passei dos limites, essas festas de fim de ano são uma perdição para dos diabéticos, como eu. Querem me enganar, mas acho que eu engano essa gente muito mais do que eles a mim.

Esta enfermeirinha que acabou de sair é uma graça de pessoa. Ruiva com estes óculos na ponta do nariz – ninguém resiste. Nunca me diz o valor da dosagem, mas a cara com que me fita e olha a fita já diz tudo. Quando lhe indago alguma coisa, ela apenas demonstra pesar, me passa a mão de leve no ombro ou nos cabelos, e se vai para o seu posto. Quando eu lhe perguntei alguma coisa outro dia ela se voltou para mim e vi seus olhos cheios de lágrimas. Ai meu Deus, eu não mereço!

O pior são as coisas que ando sonhando, quase sempre no cochilo da tarde, porque nas noites não consigo dormir. Outro dia, por exemplo, sonhei estar na casa de meu irmão, cumprindo ritual que me é familiar e sempre me deu grande prazer: enfiar a cabeça na caixa aberta daquele velho piano e aspirar com sofreguidão o cheiro de madeira velha, tão peculiar, que entra ano, sai ano, continua ali guardado. Cheiro de piano não tem graça, claro, mas o problema é que isso abre portas para que me penetrem nos sentidos um sem número de aromas e sabores que marcaram minha infância, na casa ancestral de meus avós, onde aquele piano esteve estacionado por décadas. Não sei de onde fui tirar essas lembranças tão seletivas. A família me diz que tenho uma memória enorme para fatos, não sei bem se é assim, mas das comidas e dos perfumes de minha infância, realmente não me esqueço.

Semana passada tive outro desses sonhos meio malucos. Eu ainda era criança e estava numa casa da família. Devo dizer que entre outras alegrias, tivemos, eu, meus irmãos e primos uma infância marcada pelas boas comidas e também por bons rituais em torno delas. Uma de minhas lembranças mais antigas é a da fabricação de goiabada na chácara de meu avô, em uma pequena cozinha anexa, na qual havia um fogão de lenha com um tipo de cavidade em formato de bacia, onde se encaixava perfeitamente o tacho de cobre. E eu sonhava com aquilo. Aquela pasta espessa, de tom marrom avermelhado, mexida com longas colheres de pau, em inquieta erupção que formava crateras aqui e ali, logo se desmanchando, um espetáculo inesquecível. Aquilo era nítido,

como se fosse a realidade mais completa e até o cheiro da goiabada eu sentia. Fui acordado pela plantonista da noite que vinha medir minha glicose, apenas me acordando, mas entrando muda e saindo calada, como de hábito.

Mas aquela goiabada continuou em erupção na minha mente. Lembrava-me que nós crianças era permitido, apenas, observar de longe, pelo risco de queimaduras. Mas mesmo assim, era muito divertido. E melhor ainda ficava quando, ao final, éramos autorizados a degustar a «rapa», nos próprios tachos já resfriados. Um de nós ao ser indagado sobre qual o doce que mais o deliciava, não teve dúvida: «é a rapa!»

Em outra noite não sonhei com goiabada, que era apenas uma delícia entre tantas outras. Neste dia o tema foi o doce de laranja em calda, pela qual tenho especial predileção desde a infância, embora tal iguaria, um tanto amarga, nem sempre fosse apreciada pelas crianças, com exceção de mim. No sonho eu fazia o tal doce e até me metia a poetizar sobre o mesmo, indo recitar, sob aplausos gerais da plateia familiar, a minha composição *ad-hoc*. O sonho ficou melhor ainda quando o tal doce, feito com a proverbial laranja-da-terra, foi moído, recozido e transformado em pasta de se cortar, a *laranjada*. E isso está há tanto desaparecido das mesas da família! Mas no meu sonho esteve presente.

Doces de frutas era uma especialidade da família, seja na produção, pelas mulheres, seja no consumo, com destaque especial para o meu caso. E havia de tudo: doce de banana seja em pasta, em calda queimada, além da tradicional banana frita com canela e açúcar; doce de figo, em calda e em pasta (delícia!); doce de mamão, de *espelho*, em talhadas, enroladinho, com rapadura... Aliás, do mamão se fazia doce até do miolo branco do tronco do mamoeiro. E mais, doce de carambola, geleia de jaboticaba (na Chácara de meu avô os pés dessa fruta se contavam às dezenas), doce de manga. E se espremer a memória ainda vou me lembrar de mais variedades.

Teve uma noite – ou uma tarde, não sei mais – que me veio à mente um certo tipo especial de doce, modesto em sua origem, mas igualmente de eterna e adorável lembrança. Era aquele que resultava do aproveitamento de determinados alimentos em vias de serem jogados fora, uma espécie de subproduto dos mesmos, mas que apesar disso era saboreado em clima de festa. Exemplo disso era o famoso doce de leite talhado, assim meio encaroçadinho e um pouco azedo, queimado na medida. Uau! E não poderia ficar de fora, embora penso que não tenha entrado no tal sonho, a banana em calda, uma especialidade de minha mãe, que dava àqueles pedaços de banana caturra hiper madura, que de outra forma iriam para a lata de lixo ou para as galinhas, o *auxílio luxuoso* de uma calda de açúcar moreno-dourada.

Tinha também o arroz-doce, mas este, coitado, acabou deixando lembranças menos agradáveis, pelo menos para mim, não sei se para toda a turma de irmãos. A história é a seguinte: nossa eterna caçulinha foi acometida durante seus primeiros anos de vida de dores de barriga atroz (para ela e para os circunstantes...). Assim, a receita da época – e creio que ainda de hoje, que confirmem os pediatras, era administrar aos pequenos doentes alguns litros de água de arroz por dia. E este produto provem do cozimento do arroz que «sobra» no processo, que, aliás, em nossa casa não sobrava, por ser logo transformado em arroz doce. E tome arroz doce. Não tínhamos o privilégio, à época, de sobremesa todos os dias, mas com o arroz-doce era outra história: podíamos comê-lo à vontade. Só que com pouco tempo, sobrevinha um efeito de *overdose* e ninguém mais queria saber dele. Mas agora, tantos anos passados, eu bestando nessa UTI lúgubre e monótona, daria tudo para saboreá-lo de novo.

E por aí caminhavam minhas memórias gustativas. Cheguei até a ansiar pela hora de repouso, apenas para me deliciar oniricamente. E tome comidas. Para ficar no apenas no trivial, sonhei rabanadas, ovos nevados, pavês, docinhos de damasco, fatias de amendoim, pudim de pão (injustamente alcunhado de *engasga-lobo*), *amor-em-pedaços*, broinhas de milho, *casadinhos* e outros biscoitinhos diversos. E olha que em boa parte de minha vida meus quilos a mais e a minha insulina de menos me disseram que não convinha exagerar nos doces!

Isso tudo sem esquecer do capítulo dos salgados – não menos refinado e variado, que vai do simpático *maneco-sem-jaleco* (as novas gerações nem suspeitam do que seja), passa pela proverbial torrada com pasta de espinafre com queijo e ovo, até chegar ao grande momento da sopa de bolinhas de queijo, para não falar das costeletas de porco fritas, da canjiquinha, do creme de milho.

E mais a peça de honra: o (a) *cake* (queca) de minha mãe, que deixo para ser homenageada no final: divina, maravilhosa, succulenta, olorosa, sofisticada – cabem nela tantos adjetivos quantos são seus ingredientes.

Ainda bem que a natureza me deu vinte e dois anos para aproveitar tantas comidas condignamente, antes de ser traído pelas tais ilhotas. Mas eu confesso que enquanto pude, não perdi tempo! E mesmo sem poder, muitas vezes.

Agora estou aqui apenas podendo sonhar com tanta coisa boa, de que sinto às vezes até o cheiro e o gosto com tanta nitidez. Ainda bem que sonhar não requer nenhuma dose extra de insulina. Preciso criar juízo, bem sei, mas é duro ser diabético. Nem Sísifo, nem Prometeu, nem Hércules passaram por desafios como estes que enfrento no meu dia a dia.

Estava eu nesses devaneios quando a ruivinha veio me dar uma notícia: eu ia ter alta da UTI e passar para a enfermaria. Achei que ia para casa, mas ela me explicou que devido à minha bagunça metabólica eu ficaria mais uns quinze dias no hospital, para acompanharem de perto minhas dosagens. Não eram notícias tão boas ou, pelo menos, próximas das que eu esperava. Mas nem tudo estava perdido: a moça não era enfermeira e sim médica residente e tinha vindo me dizer que ia cuidar pessoalmente de mim, pois tinha muito interesse nesta doença, tendo perdido seu pai por causa dela, com pouco mais de 40 anos. E de cara foi me mostrando o dedinho e dizendo, com ternura, mas fingindo de brava: mas comigo o senhor vai se cuidar direitinho, não admito enrolação!

Há males que vêm para o bem, pensei. De toda forma minha moral estava baixa demais para que eu contestasse qualquer coisa. Assim me entreguei à ruivinha, de muito bom grado. Mas preciso perguntar a ela se não existiria um remédio que fosse capaz de cortar os sonhos das pessoas...

Uns Alves, da Beira do Mato

Antônio Alves, conhecido também como Tonhalves, muito prazer. Sim, somos daqui da Beira do Mato, lugarzinho pobre, porém honesto. Todos que eu digo é minha família e eu, fora uns que mudaram para cidades maiores, para a capital e outros lugares. Mas a maioria sempre ficou é por aqui mesmo. A gente é apegado que só.

Como chegaram aqui esses Alves, não sei ao certo. Conto o que o meu avô, o finado Sinfrônio Alves, dizia, aliás, por ter ouvido do avô dele, porque é coisa de muitos anos atrás, mais de cem. No começo, era um povo que cavoucava ouro e diamantes, na outra banda do estado. Quando as catas de lá deram pra trás, tiveram que arranjar um jeito de se arrumar na vida, pra não morrer de fome. E assim vieram para estes oestes.

Na subida da serra meu avô contava que chegou a haver engarrafamento de carros de bois, tudo com gente fugindo da miséria. E naquelas tranqueiras iam crianças, mulheres, panelas, balaios, galinhas, cachorros e uns tarecos mais – o que havia de útil. A questão era começar vida nova, onde não havia nada, a não ser a malária e um ou outro índio mais assustado do que capaz de ameaçar alguém.

Chegaram, botaram roças, construíram igreja, escola, delegacia, motor de energia elétrica. O comércio e a lei dependiam da cidade de Dores do

Cedro, também conhecida na época como Coité, dez léguas daqui. Segundo meu avô, seu povo veio nesta primeira leva. Junto estava o velho Sigismundo Cessim Alves, avô dele. Este era lavrador de profissão, mas também sabia os ofícios de barbeiro, farmacêutico, benzedor e até juiz, se fosse o caso. Era apurado na benzedura de mordida de cobra e bicheiras, com ele todos ofendidos escapavam com vida e saúde até melhorada – dizia o velho Sinfrônio.

E os Alves foram ficando por aqui. Os filhos e netos daquele lavrador barbeiro, botaram roça e comércio, coisa que se tornou comum na família, teve quem virasse professora, outros foram padres, um outro tabelião. Farmacêutico e benzedor não apareceu nenhum, deve ser pra'mor de não fazer concorrência com o consagrado Sinfrônio.

Porém uns e outros, nesta e na geração seguinte, apareceram com outra marca da família: a música. Eram afinados na viola e nos sopros, trazendo de fora as primeiras violas, bombardinos e trombones que apareceram por aqui. Daí a fundar banda de música foi um pulo. E mesmo com alguns no comércio, nas roças, na batina e na escola, estes aí foram o que criaram mais fama.

Por este caminho vai uma das manhas que acho que estes meus Alves e mais ninguém possuem, a de fazer as coisas de um jeito que é só deles. Dois primos de meu avô por exemplo, um deles eu cheguei a conhecer ainda vivo, eram tão bons na viola e no saxofone, que resolveram largar da enxada e do balcão de venda, para viver de música na capital. Contra as disposições do pai deles e do resto da família foram embora, passaram-se anos sem que se tivesse notícias deles, até que o mais novo voltou, apenas para contar que haviam ganhado muito dinheiro, tendo tocado, junto com o irmão, em orquestras até no Rio de Janeiro, mas que perdeu tudo com a bebida, com o mulhero e a roleta. Aliás, mais velho perdera a vida também, por ter contraído uma tísica galopante, que liquidou com ele em poucos meses, não havendo doutor ou sanatório que desse um jeito naquilo.

O resultado foi terrível para os demais músicos da família, que àquela altura tinham se multiplicado. Alguns que queriam sair para ganhar a vida fora, com música, foram embargados. Teve até um primo do meu pai que tocou fogo em duas violas e amassou para valer um trombone e uma tuba, pra ninguém mais de sua família botar mão ou boca nelas. Pouco adiantaram essas barbaridades, pois justamente dois dos filhos de tal homem continuaram ligados à música, só que agora tocando em instrumentos emprestados e longe das vistas do velho.

Outro desses primos, este de um ramo mais pobre da família – não que houvesse algum ramo rico total – resolveu sua fome musical criando instrumentos, ficando famosos os caixotes com tábuas soltas que mais figuravam uma bateria inteira em desfile, não um simples homem assentado numa caixa. Dizem que inventou também um instrumento de

uma corda só, feita de arame, que ele tocava com um dedo, fazendo um calço deslizar por baixo e ao longo de um pedaço de madeira com mais de um metro de comprimento – e que ele tirava música daquilo, nem sei como.

Se gostavam de música, esses Alves não tinham o mesmo gosto pela religião. Nenhum apreciava Igreja, fosse católica ou outra. Quando o povo da Bíblia chegou aqui, arrastando boa parte da gente para suas igrejas, nenhum Alves levou aquilo a sério. Continuaram hereges como sempre foram, agora em duas religiões diferentes. Parece que tudo começou quando um padreco católico, recém chegado na terra, muitos anos atrás, acabou seduzindo e engravidando uma Sinhaninha Alves, que de santa não tinha nada, mas foi o pobre padre que levou toda a culpa. Daí pra frente ninguém mais viu um Alves na igreja, nem para ser encomendado e enterrado.

Ah, aquela mania de fazer as coisas só do jeito Alves...

Nesta história de religião o melhor ainda não falei de coisa que meu avô contava, dando boas gargalhadas. Dois primos dele resolveram comemorar a Sexta Feira da Paixão à maneira deles. Foram se arrancar na escadaria da Igreja, em plenas três horas da tarde, levando um farnel de carne de porco, farofa e cerveja. Não satisfeitos, quando a procissão do Enterro de Cristo vinha subindo a rua, fizeram o percurso contrário, passando de entremeio a ela, assoprando farinha pelas fuças e roendo gostosamente uns restos de suã. E um primo que os acompanhava de longe ainda soltou meia dúzia de rojões. Estes, entretanto, pagaram caro pela ousadia, pois foram presos pelo Sargento do destacamento, passaram uma semana a pão e água e um deles, o fogueteiro, que era zelador da Prefeitura, perdeu o emprego.

Mas não criaram juízo. No ano seguinte circulou a notícia que armariam outra presepada, mas desta vez o Sargento lhes avisou que se tentassem algo parecido seriam presos, desta vez preventivamente, já que mandaria vigiá-los desde a véspera.

Além de pecadores, os Alves têm fama de pescadores, também. E também de mentirosos, o que vem a dar no mesmo. Tem um Maneco Alves, irmão de Sinfrônio, que parece ter sido mestre em tais ofícios. Ficou famoso por aqui pelas mil e uma histórias absolutamente estapafúrdias que contava – ou inventava – sobre suas pescarias, mas a verdade é que se a metade não acreditava nelas, cem por cento achava graça, ao ponto de repetirem aquelas histórias dizendo-se, cada um deles, o verdadeiro personagem das mesmas. Era famosa a sua prosa que numa pescaria noturna, ele jogou a linha para alcançar o meio do açude e que ao invés do escutar o esperado *tibum* da chumbada batendo na água lá adiante, percebeu que a linha se mantinha elevada e que, além do mais, movia-se para lá e para cá. Ao sacar sua lanterna

para checar o acontecido, percebeu que havia laçado um morcego em pleno ar. E arrematava: *deu um trabalho danado desembaraçar aquilo...*

De outra feita, numa pescaria com companheiros, afastou-se do grupo para tentar a sorte em outro ponto do rio. No caminho, já escuro, deu com um tamanduá-bandeira enorme, que queria por toda força abraçá-lo. Livrou-se do bicho com uma paulada e resolveu pregar uma peça na companheirada, amarrando-o com a linha de pesca e jogando na água. Isso feito, correu ao ponto onde estavam os amigos e afoitamente comunicou a eles que havia pescado um peixe muito grande, cuja força ele nunca tinha visto igual e que precisava deles para retirá-lo da água. Puxa daqui, puxa dali ele mesmo começou a desconfiar que havia algo estranho ali, talvez um *engastalho* no fundo do leito. Até que a situação se explicou quando retiraram da água o tal tamanduá, que não havia morrido com a paulada, mas agora estava abraçado a um surubi de quase quarenta quilos.

Ti'Maneco tinha outra área na qual se destacava: a política. Foi prefeito de Dores duas vezes e Presidente da Câmara outras duas. Além disso, era fundador do Rotary Clube e da Maçonaria. Só não entrava mesmo era na igreja, de qualquer tipo, nem para angariar votos. História boa que contam dele foi a da inauguração da piscina pública na cidade, construída com um dinheiro conseguido do governo por um deputado da Região. Ele, como Prefeito na ocasião, foi convidado a dar o mergulho inaugural, mas se recusou terminantemente. E não era por medo de água, pois sabia nadar muito bem, afeito a isso por força das pescarias que sempre fazia. Seu argumento era outro, e acabou revelado publicamente, com microfones ligados e tudo mais, com toda sua costumeira verve: *lugar onde os outros botam a bunda eu não meto a minha cara.*

Esses Alves são realmente bons de treta, mas é tudo gente boa, isso eu posso garantir.

Anjo Valente

Éramos todos jovens, é a primeira coisa a ser dita. Como disse alguém, nossa cesta de jabuticabas (ou de qualquer outra fruta ou iguaria) estava cheia até as bordas e nem de longe tínhamos que a mesma se esvaziasse. Em outras palavras, levávamos a vida sem quaisquer preocupações, que não fosse a de ter alguns trocados para beber cerveja com os amigos ou para levar a namorada ao cinema, no próximo final de semana.

Com relação às namoradas, preocupávamo-nos, também, justificar ou disfarçar as escapadas dos sábados à noite, para celebrar uma certa vida boêmia depois que marcávamos ponto no portão da casa delas. Era o meu caso, pelo menos, não o de outros, que não namoravam, por opção ou falta de oportunidades. Fora os que praticavam um jogo mais aberto com as garotas e que se despediam das febris sessões de amassos dos sábados anunciando sem mais cerimônias que em seguida iriam curtir a vida com os amigos. E ponto final.

É neste último grupo que aparece o personagem central desta história. Seu nome era Gabriel, um dos poucos colegas de faculdade que já chegara aos trinta anos e que também viera de fora, no caso de São Paulo, para estudar na nossa ainda acanhada BH dos anos 60.

Gabriel Engelhardt, era seu nome completo, a denunciar sua origem germânica, o que naquele período em que a memória da Segunda Guerra ainda fazia parte do imaginário geral e era motivo de certa reserva por parte de alguns. Mas com ele não era assim. Ao se apresentar ou de alguma forma revelar seu nome completo, dava-lhe ao mesmo tempo o significado, pelo menos em versão que denunciava aquilo lhe provocar orgulho étnico e linguístico: *Anjo Valente*. E completava: *alemão moreno da Baviera*.

Tinha histórias pra contar, o tal sujeito. A veracidade de muitas delas, fique claro, nem sempre pôde ser confirmada. Aliás, eram tantas as suas supostas peripécias, que exigiriam uma investigação muito trabalhosa para apurar-lhes a autenticidade, de maneira que ficava tudo pelo dito, o que pelo menos nos divertia e causava até certa inveja.

Algo que se sabia dele era que tinha família rica em São Paulo, com um pai médico e dono de clínicas de psiquiatria, provavelmente do tipo que explorava a loucura dos outros, conforme dito da época. Mas por que com quase trinta anos nos fazia companhia no primeiro ano de faculdade, a maioria de nós mal chegados aos vinte? Tinha sobre isso também sua história, não se fazendo de rogado para revelá-la, quando indagado por um de nós, mais próximos. E fazia isso com um sorriso misto de beatitude e superioridade nos lábios. Porque justiça seja feita, tinha ares superiores, sem deixar de ser simpático e acessível, até mesmo muito aberto à camaradagem.

Ele explicava que sua entrada tardia na Faculdade de Medicina se devia aos anos em que ele, decidido a se libertar do jugo paterno – ele era explícito quanto a tal motivo – saíra de sua Pauliceia natal e ganhara o mundo, tendo passado algum tempo como soldado do Exército, fazendo parte do Batalhão que cuidava da guarda presidencial. Às vezes a duração deste estágio era dita como “vários anos”, às vezes como “alguns meses”, mas isso, em absoluto, não incomodava a nós que o rodeávamos, até fazia parte de certa mística que se criava em torno do personagem. Achávamos que aqueles quase dez anos de diferença entre

a nossa idade e a dele significavam, mais que um obstáculo, um atrativo a nos aproximar de alguém carregado de uma aura de experiências de vida e certo mistério. E assim ninguém ali se preocupava em buscar explicações mais detalhadas sobre aquela história às vezes controversa. Dávamo-nos por satisfeitos, era tudo.

E tal aura se expandia diante de seus hábitos de vida, que ele parecia apreciar exhibir aos colegas que dele se aproximaram mais intensamente, como foi o meu caso. O seu quarto de pensão, por exemplo. Enquanto a maioria de nós morava com as famílias ou em repúblicas, ele se recolhia a um quarto nos fundos de uma casa, modesta em instalações, mas de localização privilegiada, a poucos quarteirões da faculdade. E ali morava sozinho, fugindo também à regra geral da preferência por habitação familiar ou coletiva.

Aliás, morar sozinho é modo de dizer. No quarto havia também uma cobra, que ele chamava de Yara (com “Y” esclarecia) já passada dos trinta anos de idade, segundo ele, e que lhe fora dada de presente ainda na infância por um velho bruxo. Não fornecia maiores detalhes sobre tais afirmativas. Yara passeava solta pelo quarto a maior parte do tempo e o *Anjo Valente*, regularmente, uma vez por semana, lhe trazia como petisco um rato vivo surripiado do biotério da faculdade. A cobra comia ovos inteiros, também. No pequeno quarto, além do caixote de madeira onde morava Yara, ele tinha além dos móveis regulamentares, uma esteira de exercícios no chão, junto dela uma coleção de halteres de ferro, além de uma pequena biblioteca, de talvez uns trinta volumes, em cima do guarda-roupa.

Também em cima do guarda-roupa, meio apoiado ou apoiando a fileira de livros, havia também um violino. E sobre ele a nossa curiosidade foi logo aplacada. Estudara o instrumento por anos, porque a família era muito ligada à música, mas depois de sua diáspora com o pai resolvera tocá-lo só para se divertir, jamais por obrigação. E logo nas primeiras vezes que o visitamos nos brindou com uma seleção de temas clássicos, misturados a canções populares, inclusive sambas e músicas caipiras. Ecletismo era com ele mesmo. E saíamos dali inspirados e enriquecidos com suas explicações: isso é Shostakovich, Rachmaninoff, Paganini etc e tal.

Este violino nos proporcionou bons momentos. Naquele tempo em que era de bom tom praticar serenatas dedicadas às amadas, ou assim pretendidas, ele não só aceitava convites como também o fazia por conta própria, contemplando alvos que logo vimos ser de outro nível em relação àquelas meninas de família que compunham nosso universo. Com ele não, o foco era geralmente formado por mulheres mais velhas do que a gente, mas ainda dentro da faixa de idade dele, professoras de arte, bailarinas, poetas, jornalistas, gente diferenciada, que às vezes descia de seus balcões para se confraternizar conosco, fazendo

aumentar ainda mais a admiração e até mesmo certa inveja que lhe dedicávamos.

No capítulo das mulheres ele realmente nos matava de inveja. Parecia não se fixar a nenhuma, mas tinha sempre a companhia delas. Não poucas vezes os visitantes à edícula onde habitava eram recebidos apenas com a porta entreaberta, deixando entrever que entre lençóis havia alguém mais. Isso, contudo, não o impedia de nos fazer companhia sem maiores sustos e justificativas nas escapadas das noites de sábados e domingos, às vezes acompanhados pela dama do momento, a qual, ao contrário das nossas namoradas, não se fazia de rogada para este tipo de programa. Às vezes também viajava ou ia acampar com alguma delas. Aos poucos vimos que ele começou a se fixar em certa Elsie, uma artista plástica que decidira estudar medicina, famosa entre nós pela ousadia em se vestir e se colocar socialmente.

Havia naquele quarto, também, cartelas de papelão para ovos, empilhadas a um canto. Não era só a cobra que os comia, pelo que víamos. Ele se alimentava regularmente deles também e dizia que melhor alimento não havia, dizendo que sua digestibilidade seria total, sendo desnecessária sua fritura ou cozimento. E não poucas vezes nos mostrou diretamente como lhe apetecia aquilo, causando até alguma repugnância de nossa parte. Mas o certo é que parecia passar dias inteiros ingerindo somente ovos e mais ovos. Suas dietas esquisitas não paravam por aí, associando aos ovos uma mistura de castanhas, algumas das quais nem conhecíamos na ocasião, que lhe eram trazidas sabe-se lá de onde e por quem. No bandeirão da Faculdade, que ele não frequentava com constância, sua iguaria predileta era o arroz branco, com ovo frito, quando o havia.

Suas leituras, todavia, eram bem mais variadas do que as nossas. Na biblioteca dos altos do guarda-roupa alguns de nós – eu, pelo menos – travamos conhecimento com alguns autores que até então desconhecíamos, como Herman Hesse, Rilke, Henry Thoreau, Schopenhauer. Ele parecia lê-los todos e não raramente nos brindava com longos e profundos comentários sobre alguns, quase sempre tendo como foco a necessidade vital de se rejeitar as amarras impostas pela sociedade e pelas famílias, em troca de uma verdadeira desobediência civil e a prática de outras atitudes não convencionais, entre elas o amor livre, do qual se dizia favorável, além de aparentemente praticante, como as diversas damas destinatárias de suas serenatas de certa forma o demonstravam. Era uma peroração que acompanhávamos deliciosos, embora se em tais ocasiões o mote era o de fazer algum debate, na prática isso se transformava em quase um monólogo.

Como aluno, era apenas medíocre. No laboratório de anatomia, matéria que parecia ser de seu extremo interesse, tinha o proverbial comportamento de já chegar na aula sabendo de detalhes do tema que estava sendo tratado. Os próprios professores se empolgavam com ele.

Em uma disciplina seguinte, bioquímica, mal compareceu às aulas e acabou reprovado. Alegou que todas aquelas fórmulas e sequências de reações moleculares eram coisa que a ciência, mais dia menos dia, refutaria e encontraria nova explicação. Não valia perder tempo com aquilo, arrematava.

Além desse comportamento oscilante em relação ao interesse pelas disciplinas do curso, Gabriel primava também pela inconstância de seu comparecimento às atividades normais, desaparecendo do cenário, às vezes, por uma semana ou mais. Voltava barbudo, emagrecido, com olheiras e a alguns disse, certa vez, que fora fazer meditações em grutas nos arredores da cidade. Sozinho? Não. Alguma das namoradas ou, pelo menos, Yara, o acompanhava em tais périplos. Aquilo lhe era muito revigorante, nos dizia, recomendando que fizéssemos o mesmo.

Gabriel tinha simpatia geral, inclusive a minha e de minha namorada de então. Mas acabou se formando em torno dele um grupo que aos poucos se transformou em mais do que isso, ou seja, com pessoas que eram agora verdadeiros devotos e que o tratavam como um mestre. Não era o meu caso e o dela, que tínhamos as tais *amarras sociais* mais rígidas. Mas aqueles lá primavam pelas longas tertúlias de intermináveis *papos-cabeça*, regadas a vodca e maconha, emendando às vezes dias inteiros. Naquele grupo liderado por ele tornou-se hábito uma espécie de jogo da verdade, no qual se devia dizer ao outro tudo aquilo que se pensava dele, seus defeitos inclusive, doesse a quem fosse. É claro que isso foi fonte de alguns estranhamentos ali e mais de um deles acabaram se afastando, desgastados. O teor de tais conversas era privativo deles, mas um dos que se afastaram confidenciou que o que havia de verdade era uma verdadeira devassa intransigente da vida do outro, inclusive do ponto de vista sexual. Aquele era um grupo eclético, acima de tudo, mas começamos a perceber, nós, os de fora, que ali estavam indivíduos com conflitos familiares diversos e mal resolvidos, particularmente com as respectivas figuras paternas. Fazia sentido...

Sobre o pai, o Anjo não se pejava em fazer revelações. Era um homem duro com a mulher e com os filhos, já tendo expulsado um deles de seu convívio, associando-se assim à deserção que Gabriel tomara a iniciativa de fazer por conta própria. Sua clínica de psiquiatria ainda funcionava na base de tratamentos antigos, com choque elétrico e drogas amortecedoras, havendo até mesmo castigos físicos para pacientes renitentes. Aquele homem ganhava muito dinheiro ali, o que lhe facultava levar uma vida em abundância, com carros do ano, sítio, viagens ao exterior e romances paralelos, inclusive com pacientes. Aquele pai era uma figura completa de vilão, pelo que víamos, e Gabriel não mostrava nenhum pudor em criticá-lo.

Assim chegamos ao final do curso de medicina, que ele não terminou junto com a gente, por inadimplência total. Mas participou das

solenidades de formatura como se nada tivesse acontecido. Na colação de grau fez questão de comparecer de sandálias, que ganharam especial destaque ao se distinguirem, amarelas, por baixo da beca preta, curta demais para ele, que media mais de um metro e noventa de altura.

Perdemo-lo de vista depois disso. Apenas soubemos que ele finalmente conseguira terminar os créditos do curso, dois anos depois da gente, e era agora tão médico como nós todos. Daqueles seus seguidores mais próximos as notícias continuaram a chegar. Por coincidência, ou não, boa parte teve um destino torto. Zé Mário, o mais fiel e entusiasmado deles, partiu para a Europa depois da formatura e lá viveu por alguns anos em vida totalmente louca, entre muita droga e privações diversas, até que voltou ao país e prosseguiu em vida calma e pacata. Celso, considerado pessoa brilhante e seguramente o melhor aluno da turma, foi para uma formação em ciência básica, farmacologia ou bioquímica, não sei bem, mas ali não progrediu, até morrer em um acidente suspeito, quando trafegava em rodovia com seu carro na contramão em plena luz do dia. Elsie, a namorada mais constante, artista plástica e estudante de medicina, famosa pelo modo de vestir ousado, que incluía a ausência de sutiã e outras roupas íntimas, associada a saias totalmente transparentes, acabou se formando depois do prazo convencional, mas entrou em grupúsculos praticantes de terapias alternativas, até que se retirou para um *Ashram* na Índia e desde então não se teve mais notícias dela. Isso para não falar de Agildo, que depois de apenas alguns meses submetido àqueles papos-cabeça e jogos da verdade abandonou o curso de medicina antes da metade, voltou para a casa dos pais no interior do estado e não deu mais notícias.

Um dia, uma década depois de perdermos o contato, Gabriel reaparece, não em pessoa, mas sim através de um terceiro, no caso, um colega, que o havia encontrado fortuitamente numa fila de aeroporto. Ele nos contou como foi tal encontro, quando estivemos com ele em uma daquelas comemorações quinquenais que os médicos adoram fazer. O *Anjo Valente* havia cortado os cabelos e usava um *blazer* elegante. Estava num voo de conexão, recém-chegado do exterior. Mais uma vez foi explícito em relação à sua vida: dedicava-se à psiquiatria, era agora sócio do pai, que se preparava para aposentar. Ampliara o negócio da clínica psiquiátrica e ganhava agora muito dinheiro.

E ele disse ao colega, orgulhosamente, totalmente alheio às posições que um dia tivera perante a vida material: *se a medicina não servir para isso, para o quê então serviria?*

Nenhuma menção a cobras, dietas exóticas, música, literatura, cavernas, desobediência civil, rejeição a convenções sociais, Schopenhauer, filosofia, mulheres ousadas, retiros espirituais, pai autoritário, conflitos familiares e coisas assim.

Rebeldes que se transformam em sólidos burgueses: é a vida.

De como dar notícias ruins

Na faculdade de medicina, sou testemunha pessoal disso, a gente aprende muitas coisas. Nomes de doenças, remédios, taxas normais e anormais de exames, nomes de médicos famosos, repertório de sinais e sintomas – o diabo a quatro. Mas infelizmente tem uma coisa que passa longe dos ensinamentos que nos oferecem em tal lugar: dar notícias ruins a alguém.

Sabem, aquele paciente que acabou de morrer e que a família aguarda ansiosa, na porta, para saber como está? A gestação que termina em morte do feto? Ou, ao contrário, o teste de gravidez que *não deveria* dar positivo e dá?

Pois é nesta hora já vi muito valentão se recolher, chamar a enfermeira, a assistente social, o guarda da portaria ou, simplesmente, sumir. Sei que não é fácil, para ninguém, mas defendo que ensinar a boa medicina deveria envolver um tema como este, tão importante, a meu ver, como diagnosticar ou tratar doenças.

Eu devo confessar que já passei por apertos tremendos neste quesito. Trago pelo menos dois exemplos aqui.

O primeiro é de quando eu era portador de uma ainda santificada juventude, com uma não menos abençoada inexperiência. Foi um evento fulminante para mim, me afetando fortemente nos primeiros anos de minha vida profissional. Foi o seguinte: em um sábado pela manhã eu prescrevia para os pacientes sob os meus cuidados no hospital onde trabalhava, quando se aproximou de mim uma funcionária, transtornada, em prato inconsolável, e me fez aquele pedido, ao qual eu daria tudo para não precisar atender: - Doutor, acabo de perder dois tios e dois sobrinhos em um acidente de carro e agora minha família precisa dar a notícia a minha avó e estamos preocupados com a maneira como ela vai reagir. A avó em questão tinha mais de noventa anos e a perda era enorme, pois os mortos eram um filho, sua mulher e dois netos. Pobre velhinha, que já fora calejada na vida por outra perda imensa, sendo a viúva de um dos famosos irmãos que foram vítimas de um erro judiciário que teve repercussão nacional e que passaram anos a fio de suas vidas na cadeia, injustamente, até que a verdade aparecesse. Desgraça pouca realmente não era... Eu, compungido, abracei a moça, recepcionista no hospital, com quem eu tinha um relacionamento muito amistoso e cordial. Mas o que ela me pedia, realmente, transcendia a qualquer gesto de que eu me sentisse capaz.

Mas tive que ir lá no epicentro da tragédia – fazer o quê?

Despachei como pude as prescrições restantes, sem me apressar muito, pois malgrado meu, ganhar tempo era algo imperioso. E fui para o sacrifício, pequeno diante do que eu iria testemunhar, mas verdadeiramente assombroso para mim.

Mas como diz o velho ditado, notícias ruins andam a galope. Assim, quando cheguei à porta da avozinha, a tragédia já estava consumada. Havia muitos carros parados na rua e por toda parte pessoas se abraçavam e choravam, sendo aquela era uma família muito grande e arraigada na cidade. E eu entrei na cena principal, como um condenado. E era realmente dantesco o ambiente, com muito choro, lágrimas, desmaios.

Mas, de repente, quem eu vejo, bem no centro do redemoinho, não como objeto de atenção, mas como agente direto, ativo, de consolo aos demais? A velhinha. E me lembro bem de suas palavras, para uns e outros: não se deixem abater meus filhos, Deus é maior e sabe o que faz. Para uns um carinho; para outros um copo de água com açúcar ou um chá; para todos, presença confortadora, nada mais.

Acreditando ou não em Deus, estando disposto, ou não, a aceitar desígnios como este, uma coisa para mim ficou clara naquela cena: as pessoas sempre souberam o que fazer nas horas difíceis, com, sem ou apesar dos médicos e demais profissionais de saúde. E na idade avançada, como no caso, esta forma de sabedoria era mais profunda e mais efetiva ainda.

De toda forma, penso que tive sorte, já que não tendo apoio em tal quesito na minha formação médica, pude encontrar alguém assim, em hora tão extrema, que não só me poupou de fazer algo para o que não estava preparado como me ofereceu uma grande lição de vida.

Anos depois, outra cena, dentro do mesmo tema. Éramos um grupo de médicos, reunidos em um curso de boas práticas éticas organizado pela Associação Médica da cidade. Por sugestão minha e de outro colega, foi introduzida na temática a tal questão das más notícias, já que um dos docentes era um padre e teólogo muito conceituado. Dito e feito, o Reverendo deu a incumbência de que trabalhássemos sobre tal o tema, que ele preferia nominar em inglês: *breaking bad news*. Não preciso dizer que nenhum dos doutores ali presentes, cada um mais sabido que o outro em matéria clínica, tinha qualquer experiência em tal assunto, a não ser por terem sido, talvez, intimidados algumas vezes na vida pelo mesmo.

Formado o grupo e reunido no círculo convencional, cada um olhando e sendo observado pelos demais membros, gastamos pelo menos uns dez minutos em conversa fiada, sem saber, de fato, como dar início à

atividade proposta. De fato, éramos bons em diagnosticar e tratar gente, até mesmo, eventualmente, formar grupos para ensinar alguma coisa, pois era costume recebermos alunos de enfermagem naquele hospital. Entretanto, ao sermos transformados em aprendizes, a dificuldade assumiu proporções enormes, nefastas.

Até que uns dos nossos, pessoa por quem tenho a maior admiração, propôs a solução mais simples e até óbvia: que narrássemos alguma experiência pessoal face ao desafio de dar ou receber notícias ruins.

E ele próprio se dispôs a começar. Falou-nos, então, de como lhe fora dada a notícia de que seu filho mais novo era portador da Síndrome de Down. Ao chegar ao quarto de sua mulher, logo após o parto, foi recebido por ela em prantos. O motivo estava claro: alguém da enfermagem havia passado por ali antes, quando a criança ainda não havia vindo do berçário para o quarto da mãe, e lhe fizera o desastroso comentário: *não sabia que o marido da senhora é japonês; o bebê tem os olhos tão puxadinhos!* Para ela, que era da área da saúde, ainda mais entrada nos 40 anos, tal comentário bastava. E até então a gravidez tinha corrido de forma inteiramente normal e nem se cogitara de algum exame que pudesse mostrar anormalidade.

Ele começou a nos contar este episódio de forma serena, como quem deseja apenas ajudar o grupo a começar a pensar e a agir de acordo com o objetivo proposto. Mas logo percebemos que estava com forte dificuldade em conter sua emoção. Repetir a frase infeliz daquela mulher tão mal preparada, já foi para ele quase impossível, dado o choro que lhe veio forte, incontido, repleto de soluços doloridos.

A primeira reação do grupo foi de dor, mas ao mesmo tempo de forte perplexidade. Ninguém conseguia dizer nada. Quem tomou a iniciativa foi, para variar, uma mulher, aliás, a única no grupo, uma pediatra da cidade. E ela nem disse nada, apenas se aproximou de pobre pai, sentou-se ao lado dele e lhe tomou a mão, trazendo-o mais próximo de si. Apenas isso.

Em suma, continuo sem saber o que se deve dizer numa hora dessas. Não deve ser o caso para o uso de palavras, realmente. Por alguns minutos ficamos estáticos todos os membros do grupo, mas acabando canhestramente nos aproximando e fazendo, em torno do infeliz colega, uma roda de conforto. Choramos alguns, ou quase todos, rodeando e confortando o colega. Palavras só brotaram alguns minutos mais tarde, quando o próprio pivô da história tomou a iniciativa de falar, já mais consolado em sua dor. E nos pediu desculpas pelo ocorrido.

Neste momento acho que consegui dizer algo que muitos ali talvez quisessem dizer também, o que percebi pela leitura de seus rostos: *amigo, não peça desculpas; nós é que estamos agradecidos por nos ter dedicado a confiança de compartilhar a sua dor.*

Dar notícias ruins – coisa mais difícil nesta vida...

Pereira procura

Tinha verdadeira mania em procurar e rever amigos antigos e parentes em geral. Quando viajava, então, este traço se exacerbava. Mas não raro os procurava também em lugares inusitados, como em listas telefônicas, placas de túmulos, ou mesmo em convites de formatura, através dos sobrenomes dos formandos.

Certa vez, na formatura de uma neta como advogada, atazanou-a durante vários meses para que indagasse se um José Pereira Neto era descendente de um primo distante, com o mesmo nome. A moça tentou ignorar o pedido, mas ele não lhe deu descanso, até que ela lhe disse que perdera o colega de vista, irremediavelmente. Mesmo assim, quando podia, voltava ao assunto.

Com a mulher isso era objeto de polêmica antiga, não raro fazendo piorar ainda mais o azedume que reinava entre os dois, casal antigo que eram, com mais de 50 anos de convivência. Em excursões que passaram a fazer juntos depois que os filhos se emanciparam, ela de costume se abespinhava quando ele, ao ver alguma placa de comércio, profissional liberal ou coisa assim, logo deixava escapar um pensamento, verbalizado mais ou menos assim: *preciso ver se este Valdomiro Pereira aí não seria aparentado com um primo do meu pai que migrou pra estas bandas na década de 30.*

Certa vez, quando foram à praia em Guarapari, ainda no tempo que ele dirigia seu próprio veículo, ao passarem pelo trevo que ligava a rodovia a uma cidade perdida nas brenhas da Zona da Mata, coisa de 50 km em má estrada sem pavimento, pronunciou a frase que lhe era contumaz e sempre objeto de fúria da patroa: *acabei de me lembrar que nesta cidade aí tenho um colega de curso técnico, acho que vale a pena revê-lo, para saber notícias.*

- Ora deixa disso, Apolinário, uma pessoa que você não vê há décadas, vai ver que nem se lembra mais de você.

Ele não se fazia de rogado, acostumado a não dar ouvidos à mulher e ela, cansada de entrar em querelas que não levavam a nada, se não desgosto e mau humor, se deixava levar. Desta vez, porém, o infortúnio foi grande e memorável. Embora tenham localizado o tal colega pelo nome, no posto de gasolina da cidade, residindo em uma fazenda a 20 km do centro, erraram mais de uma vez o caminho e gastaram mais de hora para chegar ao destino. Não bastasse isso, o carro, pouco

preparado para estradas daquele tipo, atolou no barro outras tantas vezes, dando um trabalho louco, com grande perda de tempo adicional, fazê-lo rodar novamente.

Na chegada à fazenda do homem a cena foi mais ou menos a seguinte:

- *Olá como vai, Nestor!*

- *Bem. O que o senhor deseja?*

- *Que bom revê-lo! Estava passando por aqui e resolvi fazer-lhe uma visita, para botar os assuntos em dia.*

- ?

- *Não se lembra de mim?*

- ??

- *Sou Apolinário Pereira seu colega de escola agrícola...*

- ???

- *Eu estava, na verdade, em série mais à frente da sua, mas participamos da Semana do Fazendeiro de 1940. Tomamos até um café no stand da cooperativa de leite. Não se lembra?*

- *Não. Não me lembro.*

- ...

- *Agora, se o senhor me dá licença, preciso tratar dos porcos e voltar para a cidade, pois tenho alguns compromissos lá ainda hoje.*

Retomaram a viagem, já atrasados em várias horas em relação ao cronograma almejado. Diante da impossibilidade de chegarem ao litoral no mesmo dia, tomaram um hotel de beira de estrada, na verdade o primeiro que apareceu e ali a patroa teve um choque ao ligar a TV e ver o que viu, aquelas coisas feitas entre homem e mulher que ela nem imaginava que existissem. No mais quase não conseguiram dormir pela intensidade do ataque de pernilongos e também pela agitação permanente e ruidosa provocada pelo entra e sai (de gente!), por toda a noite, no estabelecimento. Era uma sexta feira ou véspera de feriado, ocasião em que, como se sabe, as pessoas saem de casa para se divertir, sejam solteiras ou casadas.

De outra feita foi visitar o filho mais velho que morava em estado vizinho. Passou com ele dois ou três dias e então lhe anunciou que no dia seguinte iria fazer uma viagem, já tendo comprado a passagem, de

ônibus. O filho quis saber onde e o que iria fazer lá. Era uma cidade sertaneja, famosa pela violência urbana e fundiária e o motivo era visitar um velho amigo.

- O fulano de tal, você não se lembra dele? Foi nosso vizinho quando você era mocinho.

O filho mal se lembrava de um vizinho mal encarado, que tinha por hábito lavar pachorrentamente um velho carro bem na porta da casa onde moravam e que fazia um lamaceiro geral toda vez que isso acontecia. Apenas de maneira vaga, lembrava-se também de ter visto o pai trocar com ele conversas rápidas ali na porta. Para completar, a implicância da mãe com a esposa do dito cujo, que segundo ela era uma “sirigaita”, muito “dada” e usava roupas provocantes. Eram as lembranças que conseguia reunir a respeito do tal vizinho.

- Ok, pai, mas olha lá se não vai se perder por lá. Não devem existir muitos horários de ônibus ao longo do dia.

- Deixa comigo!

- Mas ainda que mal lhe pergunte, o que você vai fazer lá? Deve algum dinheiro a este homem? Ou, quem sabe, ele lhe deve?

- Nada disso, meu filho. É meu hábito de cultivar amizades. Acho que você não sabe o valor que isso tem!

Diante de tanta tranquilidade o filho relaxou e quando se deu conta já passavam de dez horas da noite e nada do pai aparecer. Começou a ficar preocupado. De repente, o telefone toca, era a Polícia Rodoviária comunicando que num posto de beira de estrada a 60 km dali, o senhor Apolinário havia chegado de carona e agora se via sem condução para alcançar a cidade. Era necessário que o buscassem, uma vez que não competia aos policiais de plantão este tipo de serviço.

E lá foi o filho pela noite a dentro, resgatar o procurador de parentes e amigos.

- E que tal foi, Seu Pereira, a visita ao fulano de tal?

- Não o encontrei, parece que não mora mais por lá.

- Lamento...

- Não precisa se lamentar. Aproveitei para cortar o cabelo e fazer a barba. Sabe quando paguei? Menos da metade do que costumam cobrar na cidade grande. Pensando bem, até lucrei com esta viagem. Não posso me queixar.

Outro momento especial se deu quando o filho mais novo o convidou a viajar com ele, para assistirem uma feira de maquinário agrícola, assunto que era a especialidade profissional do mesmo. Já de saída foi avisando que estava bastante feliz de ir até aquela cidade, famosa pela sua pujança agrícola, pois ali... morava um colega de turma. E falou naquilo por vezes repetidas durante a viagem. Chegando ao local, não foi difícil ao filho localizar o dito amigo, pois se tratava do patriarca de alguns dos maiores fazendeiros e plantadores da região. Pelo telefone, falou com uma filha dele, que se mostrou surpresa, mas agradecida pelo contato, embora alertasse que o pai sofria de Alzheimer e já não andava reconhecendo até os próprios filhos. Mas que certamente faria bem a ela visita, seria inclusive uma boa oportunidade para que ele saísse um pouco de casa, para o que colocariam à disposição motorista e carro da família.

Assim transcorreu o dia, sem que o pai desse maiores notícias. Depois se soube que o mesmo rodara pela cidade demoradamente no carro dos anfitriões e que fora almoçar e tomar o café da tarde na companhia da família. À noite mal se viram, pois o filho se metera numa convenção de vendedores e o pai, certamente, cansado pela movimentação intensa do dia, preferira se recolher ao hotel.

Na viagem de volta:

- *E aí, Seu Pereira, como foi a visita ao colega e amigo ontem?*
- *Ficou muito feliz de me ver!*
- *Conversaram muito?*
- *Bastante.*
- *Relembaram os velhos tempos, então?*
- *Muito pouco. Para falar a verdade, preferimos abordar as coisas do futuro, principalmente relacionadas ao desenvolvimento agrícola. Quem vive olhando pra trás é farol de ré.*
- *Ficaram de se encontrar de novo?*
- *Não falamos sobre isso, mas um dia, quem sabe...*

Minha vida de cachorro

Ter mãe é sempre bom. Na infância, então, é essencial. Devia haver uma lei que proibisse as mães de morrerem cedo, já disse alguém. Eu ainda tenho a minha viva, com quase cem anos, sendo que eu próprio já passei dos setenta. Um privilégio.

Mas durante um tempo ela faltou a mim e a meus irmãos.

Foi assim. Lembro-me de alguns detalhes, particularmente do que acontecia naqueles domingos, no final de tarde, quando voltávamos da visita a ela pela longa e feia rua que ligava o centro de nossa cidade a uma zona de mau augúrio, onde havia aquele enorme hospital de reabilitação, além de um cemitério. E ali estava ela, uma mulher de pouco mais de trinta anos, com cinco filhos e um marido a depender dela, paralisada dos pés ao pescoço.

Tinha sido acometida por uma condição que na época era pouco conhecida, e creio que ainda é. Um dia acordou com dificuldades de sair da cama e em poucas horas não mexia um só músculo do corpo. Como meu avô, pai dela, com quem tinha forte ligação, tinha morrido alguns meses antes, a primeira hipótese é a de que estivesse “somatizando”, uma palavra que os médicos usavam e ainda usam quando ignoram o que está acontecendo de fato. Com mais alguns dias de observação, entretanto, ela jazendo na cama como um fardo sem vida própria, um neurologista finalmente entrou na história e deu um diagnóstico: *Síndrome de Guillain-Barré*. Um nome ilustre e sonoro, para ocultar o que na época era um vazio de conhecimento causal.

Aquelas visitas ao lúgubre hospital, apesar de se situar em um agradável pé de serra, coberto naquele tempo por uma mata densa – a mata atlântica – chegavam a trazer um momento de alegria para nós. Primeiro, por irmos ao encontro de nossa mãe enferma, mas também porque éramos crianças e apesar do motivo da visita, que durava muito pouco para nossas expectativas filiais, encontrávamos um tempinho para brincar num parquinho, subir em árvores e aproveitarmos o clima de fazenda que ali dominava. Havia patos e carpas num açude, cabritos e ovelhas, que naquele tempo tinham seu sangue usado para exames laboratoriais, tudo isso alegrava um pouco aquele ambiente.

Aprendemos na ocasião que, como tudo na vida, o bom e o ruim se misturam. Era uma alegria brincar no parquinho e entrar em contato com os bichos, mas acima de tudo a felicidade de poder ver, tocar e falar com a mãe e até os mais novos se sentarem no colo dela, apesar de que ali havia também gente amputada, paraplégica, em coma. As cadeiras de rodas faziam estranho engarrafamento quando terminava a hora da visita, naquelas tardes domingueiras.

O lado bom termina aí. Hoje, pelo que sei, a região demudou-se em favela e por ela ninguém mais se arrisca a passear.

E de volta a nossa casa, naquela rua sinuosa, em sombrios fins de tarde de domingo, vínhamos eu e meus irmãos entristecidos e pensativos, por conta da dolorosa visita semanal à pobre parálitica. Meu pai, no volante do carro, não escondia estar abafado por pensamentos sombrios, como tudo o mais por ali. Aquele percurso e seus indicativos topográficos ou temporais, para a maioria das pessoas nada poderiam sugerir, mas para mim e meus irmãos era o retrato vivo de uma dor.

Naquele ano, eu o filho mais velho, acabara de completar treze anos e minha irmã mais nova não tinha passado dos quatro. E assim vínhamos por aquela torta rua de periferia, após aquela dolorida visita semanal, deixando a mãe naquele hospital tão longínquo, além dos morros que delimitavam a cidade, depois mesmo do terrível Cemitério da Saudade, de triste augúrio.

Era tudo longe o bastante para provocar em nós a sensação de que ela agora vivia em outro mundo, inacessível não só a nós, crianças, mas a quem quer que fosse. O que mais me impressionava, então, além de ver minha mãe em uma enfermaria, cercada de gente com problemas ainda piores que o dela, era saber que, entre outras torturas, lhe haviam feito vários exames do “líquido da espinha”. Para o coração infantil, não podia haver nada pior!

É bem verdade, tudo tem sua compensação, mesmo as situações mais dolorosas, isso também aprendemos na ocasião: estavam agora bem perto de nós algumas pessoas muito queridas, como nossa avó, ainda em estado de recente viuvez, além de alguns tios e tias. A morte recente de nosso avô, com minha avó sempre vestida de preto, aquelas mulheres chorosas – tudo isso mais ainda aumentava o nosso desalento. Das pessoas que vieram cuidar de nós, as duas tias ainda solteiras iriam se transformar em figuras essenciais, a quem dedicamos boas lembranças e carinho por décadas a fio.

Foram tempos difíceis, agravados ainda pela presença, em nossa casa, de forças do mal. No caso, personificadas numa empregada vinda da terra de minha mãe, a Dalva, a quem apelidamos maldosamente de *Darva*, um tanto para imitar sua caipirice, outro para expressar nosso desprezo por ela. É possível imaginar cinco crianças obrigadas a se preparar para a escola, se alimentar, tomar banho e tudo o mais sem uma mãe por perto? E o que pior, expropriadas em seu direito de ter alguém que lhes oferecesse, como só as mães sabem fazer, aquela puxadinha no cobertor até a altura do queixo, nas noites frias.

Entretanto, sobrevivemos.

Na sequência desses acontecimentos, quando nossa mãe voltou para casa, já parcialmente recuperada, mudamos para um apartamento térreo, para fugir da escadaria de acesso ao local onde até então morávamos. Nos primeiros tempos ela se deslocava em cima de uma cadeira comum, adaptada sobre uma plataforma de madeira, com rodízios de rolamentos – um verdadeiro carrinho de rolimã, com o assento elevado. E assim era ela empurrada alegremente por nós, que até disputávamos a primazia de conduzir aquele estranho veículo.

A mudança foi outro capítulo traumático para nós. De uma casa a outra; da mãe ativa que possuíamos até aquela de repente tão dependente; do abandono de uma velha turma de rua ao encontro de um vazio afetivo – uma coisa é certa: a gente se transformou e amadureceu meio à força. Penso que eu e meu irmão um ano mais novo nem tivemos adolescência, saltando diretamente da infância a uma vida quase adulta naquele momento.

Muitos anos depois vi que minha vida nesses anos, aqueles sessenta de tantas mudanças no país e no mundo, foi contada no cinema. Acreditam? Podem duvidar, mas é como se fosse. Quem viu o filme sueco “Minha vida de cachorro” teve acesso a cenas completas de minha infância. O menino curioso, meio trapalhão, a mãe doente, a família separada por conta de sua hospitalização, as primeiras descobertas sexuais, o tio barra limpa, o mundo chato dos adultos e as janelas para escapar dele, o início da corrida espacial, com a cadelinha Laika, que deve ser a justificativa para o nome do filme. Está tudo isso presente em minha vida, embora eu não tenha tido acesso a cães na infância, salvo pela existência de um certo Nero, anos antes, que nunca mordeu ninguém, mas também não chegou a deixar lembranças, nem más nem boas. Mas desta Laika eu me recordo muito bem, pois todos nós da família choramos o sacrifício do bichinho, enviado daquela maneira ao espaço sideral.

Sorte nossa que a rede familiar cuidou de tudo. Eu liderava, com apenas treze anos (se é que esta palavra se aplica), uma escadinha de quatro menores; na outra ponta, a nossa caçula com quatro. Mais uma vez, como havia acontecido no nascimento tumultuado desta última, a tal rede familiar se abriu e nos abrigou. E eu e meus irmãos tivemos a sorte de não termos apenas um tio legal e camarada, como o do personagem da tal *Vida de Cachorro*, mas uma penca de parentes assim, com especial destaque para minha avó e as duas irmãs solteiras de minha mãe.

E foi assim que toda uma família sobreviveu. O mal, se algum houve, superamos como foi possível e como deve ser.

Vista Alegre

Tudo passei; mas tenho tão presente a grande dor das cousas que passaram. Luís de Camões - Soneto

Lembro-me sempre de uma cena que bem representa uma parte luminosa de minha infância e adolescência, no final dos anos cinquenta e início dos sessenta. A família reunida em torno de farta mesa, em ambiente campestre, com conversas animadas por todo lado, parecendo estarmos dentro de um filme italiano ou de uma novela romântica. No centro de tudo o anfitrião, meu tio Zezé, figura fortemente simbólica em minha vida.

Era um tempo especial, não só ali como no país e até no mundo. No Brasil, inauguração de Brasília, vitórias no esporte, anos JK, trazendo a todos a sensação, logo frustrada, de que finalmente o país daria certo. Mais ao Norte do globo, crise dos mísseis, Guerra Fria, minissaia, Beatles, a solidez de muitas coisas desmanchando no ar. Tudo em movimento.

Fazenda da Vista Alegre. Ela ficava (e ainda fica, mas o que aconteceu com ela é outra história) a menos de trinta km daqui da capital e lá residiu, em mais de um período, este meu tio e sua família. Ele não era o dono, mas sim empregado de J. Rodrigues, o real proprietário, homem de dinheiro, que semeava seu capital em atividades diversas, que iam do zebu à construção de estradas e obras públicas. Amigo de JK, isso já diz tudo. Tio Zezé já morara ali no início dos anos cinquenta, como simples gerente, adaptando sua formação de agrônomo à lida zebuzeira. Mas ao que parece, logo conquistou a confiança de J. R., que o enviou para fazendas de gado suas em Uberaba e no norte de São Paulo e em seguida passou a designá-lo para comandar obras viárias que sua construtora amalhava em vários cantos do país.

Na época de nossos encontros familiares ele mantinha ali apenas a residência da mulher, Alzira, e dos filhos deles, passando a maior parte do tempo ocupado com as empreitadas de seu patrão. Mas quando vinha ver a família e promovia aqueles encontros debaixo dos eucaliptos, em torno da casa em que moravam a mulher e os filhos, ou então na mansão senhorial que era a sede da fazenda, era tudo realmente memorável. Ali se comia do bom e do melhor, particularmente os quitutes preparados por esta minha tia Alzira, dita Zizi, a melhor cozinheira que já conheci, inigualável. Isso sem desmerecer outros quitutes preparados por minha mãe e minhas tias suas irmãs, cada uma delas se esmerando em uma determinada especialidade.

Zezé, nessas ocasiões, nos brindava com seus *mots d'esprit*, habilidade em que ele teve inúmeros seguidores na família, mas que nunca foram capazes de superá-lo, entretanto. A particularidade de repetir vezes incontáveis a mesma história nunca tirava o brilho delas, porque ele

sabia como conduzir um caso com enorme maestria, dando sempre ao mesmo uma vestimenta inaugural.

Havia também outros personagens notáveis naqueles convescotes familiares, como meus tios Braulio e Daniel, maridos, respectivamente, de minhas tias Antônia e Clorinda. Cada um à sua maneira, mas nunca ameaçando o protagonismo de Zezé, eles eram dois mestres nos chistes e piadas de improviso, mas sempre de maneira muito refinada e incapaz de ofender quem quer que fosse naquela família que era um tanto conservadora em matéria de gestos e palavras.

E aqueles almoços ao ar livre inevitavelmente evoluíam para brincadeiras entre primos e primas, à beira dos açudes da fazenda, nos currais, nos galpões de silagem. Muito namorico de ocasião rolou por ali, mas lamentavelmente não aconteceu nada disso comigo, que até achava algumas daquelas primas, embora um tanto mais novas do que eu, bastante interessantes, como era o caso de Rosalinda, filha de um outro tio, este mais circunspecto, a qual, entretanto, não me concedia a mínima bola. Mas aquilo, caso se concretizasse de alguma forma, não passaria de um simples namorico entre crianças.

Entre tantas alegrias, a Vista Alegre também nos ofereceu uma tragédia: o afogamento simultâneo de meu tio Zé Roberto e de meu primo Tiago, aquele tentando, em vão, salvar o outro, mais moço. Aliás, este episódio veio a interromper, definitivamente, o circuito das nossas alegrias lá, mostrando a todos nós, particularmente às crianças e adolescentes, a face dura da vida.

E o tempo passou, eu me mudei de cidade; meus tios, Zezé incluído, foram morrendo um a um; eu próprio envelheci; os primos se dispersaram. Apenas se impôs a rotina da vida.

Foi também duro o golpe de ter voltado a Vista Alegre mais de cinquenta anos depois, como temerariamente fiz um dia. Já a velha estrada vicinal, outrora bucólica e auspiciosa em relação ao que nos augurava mais adiante, havia se transformado em via estreita entre favelas, com esgoto correndo nas ruas, cães vagabundos e lixo atirado por todo lado. Vi depois que as estatísticas mostravam ser aquela parte da cidade campeã absoluta na violência criminoso.

E assim cheguei à Vista Alegre. A antiga fazenda ainda estava lá, sobrevivendo em meio ao caos, mas as marcas de decadência eram terríveis, com os pastos raspados e uma antiga aleia de bambus, que subia e descia morros na entrada da fazenda, totalmente extinta. Os açudes aparentemente secaram, como pude depreender da visão do ribeirão que corta a estrada de acesso, virado agora em ralo e poluído fio d'água. O pequeno arraial vizinho, que dava nome à fazenda, ainda existia, sendo agora nada mais do que um apêndice do horrendo favelão que se estendia da beirada da cidade até ali.

A vida é assim mesmo? Não sei. Mas preferiria ter ficado quieto em casa, ao invés de me aventurar em tal passeio, não à velha fazenda da Vista Alegre, tão triste agora, mas ao passado. Mas não deixa de ser uma lição para quem vive com um pé – ou uma parte da mente – no passado, o que não chega a ser o meu caso. Na presente história fui movido apenas pela curiosidade, mas mesmo assim, em próxima oportunidade, vou me precaver. Querer retornar ao que já passou é sempre traiçoeiro. Melhor é filtrar e selecionar as lembranças, deixando pra trás, antes que nos assole, *a grande dor das coisas que passaram*.

Um Anjo Louro

Aconteceu um dia, na minha infância, um inesperado acontecimento que repercutiu pela minha vida a fora. Conto como foi.

Corria o final dos anos 50, eu tinha nove ou dez anos e certo dia, ao chegar da escola, dei com o inesperado na sala da casa. Uma família inteira estava, por assim dizer, acampada ali, com malas, caixas e até mesmo sacos por toda parte. O pai havia saído para tomar providências, só o vi mais tarde e depois falo dele. A mãe era uma matrona loura e corpulenta, de um tipo físico completamente diferente do padrão brasileiro, que somente muito depois compreendi ser de natureza germânica ou eslava. Falavam outra língua, pelo menos entre eles. Mas as crianças... Eram três. Um pequetito, talvez nos seus quatro anos, se muito, figurava doença aguda, a inspirar permanentes cuidados da matrona. Encatarradíssimo, febril, choraminguento, tinha um aspecto miserável, em que pesassem seus cabelos louros, quase brancos e as bochechas muito vermelhas. Vestia um pijaminha de flanela bastante puído e sujo, com marcas evidentes da longa viagem que o trouxera até ali. A menina do meio talvez fosse da minha idade. Por alguma razão me marcou pouco, a não ser pelo linguajar incompreensível, que mantinha com a mãe e os dois irmãos. Se falou alguma coisa em português – pode ser que tenha falado – não me recordo mais. Lembro-me apenas que a coitadinha tinha perebas por todo corpo, mas parecia não sofrer e nem mesmo se dar conta disso.

Mas a filha mais velha, esta sim, era uma figura marcante. Loura, alta, esguia. Os cabelos lhe batiam na cintura. Gestos enérgicos de quem dispunha, na família, do estatuto de uma segunda mãe para os irmãos mais novos. Teria seus quinze anos, talvez. Vestia-se de chita, bem à brasileira, mas com aquele porte e o longo cabelo louro, lembrando uma camponesa europeia, se não uma personagem de contos de fadas. Melhor dizendo, parecia um anjo – e agia como tal, socorrendo e consolando os irmãos mais novos, adoentados.

Foi por poucas horas, lamentavelmente, que os vi de perto, mas aquelas imagens me marcaram por muitos anos, principalmente a daquele anjo louro, baixado à terra não sei de onde. De onde vinha, afinal, aquela gente, chegada assim tão de repente em nossa casa?

Logo minha mãe esclareceu o fato inusitado. Era uma família estrangeira, cujo chefe era amigo de um tio meu, com o qual tinha trabalhado no passado. Eles estavam de passagem, vindos do Norte do estado, agora rumando para São Paulo, para tentar uma sorte melhor em outras bandas. Estiveram conosco não mais do que uma parte de manhã e uma tarde, depois seguiram seu destino, pegando o trem noturno da Central do Brasil, que ainda circulava entre minha cidade e São Paulo naquela época.

E soube mais: a família havia morado na nossa cidade natal por algum tempo, onde o pai conhecera meu avô e alguns tios meus. Eram imigrantes europeus, judeus, talvez; eslavos, depois se soube. Estariam fugindo do nazismo, do estalinismo ou da grande guerra – não era possível saber naquela ocasião.

O homem era agrônomo de profissão e foi nessa condição que arranjou colocação na cidade onde havia diversidade econômica antes que a grande companhia tomasse conta de tudo e instaurasse a ditadura da mineração. Além de sua formação agrícola, ele era muito culto, conhecia de tudo um pouco e tinha um lado empreendedor, inquieto, bastante marcante em sua personalidade e que influenciou bastante sua vida. Tanto que saiu da nossa cidade natal, foi para o Norte e agora se dirigia a São Paulo. Entre a Rússia e o interior do estado deve ter tido, certamente, outras tantas passagens.

Pois bem, resumindo a história, nunca mais os vi, pelo menos de perto e tive bem poucas notícias deles. Aqui minha narrativa entra numa espécie de ramificação, mas mais adiante os caminhos se encontrarão.

Corriam agora os anos 60. A capital onde residíamos começava a tomar ares de metrópole, mas arrastando ainda certos grilhões provincianos. Uma dessas coisas anacrônicas era uma espécie de concurso de beleza e simpatia (nada de misses de maiô!), ao qual se dava o colonizado apelido de *glamour-broto*. Na época, eu talvez não me interessasse por colunas sociais, mas já apreciava, bastante, aliás, a visão de uma linda mulher. E em um daqueles anos dourados, ao som dos Beatles e da Bossa Nova, apareceu uma mocinha especialmente cheia de glamour: loiríssima, muito alta, esbelta, olhos azuis faiscantes, poliglota, intelectualmente muito articulada, determinada, cheia de personalidade. Não se falava em outra coisa naquela cidade provinciana de então. Um belo dia, a revelação. Minha mãe, ao ver aquele anjo no jornal ou na TV, comentou: esta moça é a filha de Seu Jurgen, daquela família que esteve conosco, há alguns anos atrás. Lembram? Eu, é claro, me lembrava.

Caramba, eu que nunca havia visto um *glamour-broto*, ou qualquer outra celebridade tão de perto quase caí pra trás de susto, mesmo com alguns anos de atraso. Então era ela! Depois o anjo desapareceu, pelo menos para mim, que não acompanhava as notícias do mundo da *jeunesse dorée* para usar o linguajar dos colunistas sociais de então.

Já nos anos 80, vendo um programa TV em cadeia nacional, minha mãe mais uma vez me trouxe a revelação: estão vendo aquela lá? Pois é, é a filha de Seu Jurgen, aquele amigo da família, que esteve em nossa casa há muitos anjos atrás. O anjo louro, a adolescente encantada, a mulher de sonho tinham se metamorfoseado mais uma vez, se transformando agora em modelo, apresentadora de TV, celebridade e acima de tudo belíssima mulher, conhecida nacionalmente. Mas eu digo com orgulho: eu a conheci antes de todos; melhor ainda, dentro da minha própria casa!

O tempo passou, para ela inclusive. Um jornal sensacionalista, daqueles que parecem ser impressos com sangue e que os jornalheiros colocam abertos na parede de suas bancas para chamar a atenção de quem passa, me trouxe a notícia de que ela tinha sido vítima de violência por parte de um namorado de ocasião. Uma foto dela, com aquele mesmo olhar profundo, que era meu conhecido, emoldurado agora por um hematoma, ilustrava a matéria.

Como a vida foi ingrata, pensei, com aquela criatura angelical, que eu conhecia, sem que ela me conhecesse, desde a infância. Como passa a glória do mundo, me veio à mente a frase clássica, tirada não sei de onde. O fato é que, mais dia menos dia, eu quase havia me esquecido deste fato recente e mesmo dela, de seu mistério, daquela proximidade familiar, daquela vida improvável de uma família entre dois mundos.

Mas isso não era tudo... Tempos depois fui a São Paulo para uma reunião de trabalho e diante de algum tempo livre resolvi fazer um passeio a pé pelo velho centro da cidade. Ali, em algum lugar entre a Praça Clovis e o Teatro Municipal, fui abordado por uma mendiga, esfarrapada e suja, com uma gaforinha que não sabia o que era um bom banho há tempos. Queria um trocado ou um cigarro; o que eu tivesse. Tentei me afastar, mas não me foi possível deixar de ser tocado por seu olhar, aqueles olhos azuis profundos que eu conhecia de algum lugar.

Era ela, não tive dúvidas.

Só não me perguntem como é que uma simples menina que fugiu da guerra na Europa e depois se tornou migrante interna no Brasil, pôde chegar à burguesia e atingir o estrelato na TV, para decair na vida daquela maneira tão radical e trágica.

Mas como dizia o personagem de Suassuna: *só sei que foi assim.*

Infância

Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sítio, em cidade vizinha à deles. Como já eram taludinhos tinham autorização para caminharem a pé até a avenida vizinha, por onde o avô passaria para pegá-los, para a viagem que sempre dava a eles um sabor de aventura. Sentiam-se também muito prestigiados, pois havia outro irmão, este um pouco mais novo, mas que era considerado incapaz para uma coisa daquele porte.

Era um dia feliz, geralmente um sábado, muito esperado.

Nem bem saídos da cidade já começavam as brincadeiras do avô, feitas de adivinhas, trocadilhos e perguntas enigmáticas, que eles se esforçavam em decodificar, com alegria. Mais adiante, na estrada rural o avô decretava outro momento de alegria, que era o de apanhar no chão da estrada, pouco movimentada na época, alguns paus de lenha sempre caídos de algum caminhão ou de alguma forma abandonados por ali. E daquilo faziam renhida disputa, a ver quem era capaz de recolher mais lenha a cada parada do Jeep. Isso lhes garantiria, segundo o avô, a lenha para prepararem o almoço logo mais, mas eles sabiam que estava aí incluído o combustível para uma fogueira que encerraria o dia, sempre muito desejada. E o avô completava: porque lá no sítio eu não corto lenha, já chega a que os vizinhos me levam, por isso vocês têm que pegá-la para mim na estrada.

O anunciado almoço era apenas pão esquentado na chapa, mortadela e ovo fritos, uma sobremesa de frutas da estação, colhidas ali mesmo. Mas durante anos, ao longo de toda a vida mesmo, os dois lembravam daquilo como se fosse um banquete de deuses (ou anjos).

Depois que o avô atendia e dava instruções ao empregado, recebia algum vizinho, e fazia uma inspeção geral na chácara, dependendo também de sua disposição, quase sempre presente, desciam para pescar ao pequeno açude que ali havia. E cada um daqueles acarás ou piabas que vinha no anzol, mesmo que devolvidos de imediato à água, era comemorado com hurras de satisfação, além de alguma querela para ver quem os tiraria do anzol, no que o mais novo se dizia mais expediente, capaz de perfazer a operação sem machucar os pobres peixes. Não perdiam também, é claro, a oportunidade de disputarem com afincos e garra a captura do maior peixe ou da maior quantidade deles.

No meio da tarde, o pão que sobrava do almoço era submetido a uma passada na frigideira com manteiga e o café ralo que o avô lhes servia

de motivo para outra lembrança, que se perpetuaria no tempo como coisa especial.

Depois de um dia de folguedos e travessuras, suportados, a maior parte das vezes com bonomia pelo avô, cumpriam, então, um ritual ansiosamente esperado: a fogueira de despedida, brincadeira vedada quando os garotos estavam sozinhos. A lenha recolhida na estrada ou eventualmente debaixo das mangueiras, juntamente com o vasculho do pomar, era organizada por eles mesmos como uma pirâmide irregular, no local onde ainda jaziam cinzas de fogueiras anteriores. Varas do bambu fino, que formava vasta moita junto ao açude, já haviam sido trazidas, para serem queimadas e fazerem às vezes de foguetes, pelo estampido que provocavam ao se romperem com o calor das chamas. O avô lhes ensinara, também, a queimar os ramos de um pequeno arbusto, de folhas carnosas, que produzia estalidos e lançava fagulhas, fazendo grande efeito pirotécnico. Aquilo era outra das inesquecíveis maravilhas que o dia lhes trazia.

Terminavam assim o dia, à beira do fogo, agasalhados por recomendação da mãe, para evitar o frio pelas costas. O avô tomava suas últimas providências e não raramente tinha de ceder mais uns minutos aos meninos, que desejavam fazer a queima de uma vara recém encontrada ali por perto, que prometia tiros de arromba.

No caminho da volta, extenuados e calados, mas acima de tudo felizes, amontoavam-se no banco da frente do Jeep, junto ao avô, cabeceando para lá e para cá, com o balanço do veículo. O velho, a esta altura, deixava-os quietos, sem puxar as tradicionais brincadeiras e adivinhas, parte obrigatória da viagem, pelo menos quando estavam descansados os garotos. Deixava, então, os netos entregues ao sono e às recordações do dia.

No trotar do Jeep, misturavam-se os odores de gasolina e poeira, em estranha mistura com o cheiro ativo da mexerica enredeira, do limão-cravo, das verduras recém colhidas, da terra fresca aderida às batatas doces e às mandiocas. Mal vedado pela capota de lona do veículo, um friozinho benfazejo fazia também sua presença. Lá atrás, o sol se punha entre nuvens rosadas, como se o lençol de capim gordura dos morros tivesse se invertido e cobrisse, agora, o próprio céu.

Para aqueles dois meninos o crepitar da lenha na fogueira; aquele odor a tangerinas, mostarda e terra fresca; o capim gordura manchando os morros, o sol se escondendo por trás de um lençol rosado, mais o friozinho das tardes de maio, mesmo passados agora mais de sessenta anos, ainda recuperam, magicamente, as cores, os cheiros, os sons e os sabores de uma meninice luminosa.

Quem teve infância por certo entenderá.

Matéria médica

Oh cousas todas vãs, todas mudaves, qual é tal coração que em vós confia? Esta água que d'alto cai acordar-m'ia, do sono não, mas de cuidados graves. (Sá de Miranda)

A verdade, acreditava ele, é que se formara em medicina sem ter certeza de ser esta sua vocação real. Tinha tudo para evitar tal opção, pois desde pequeno desmaiava quando via ou sentia o cheiro de sangue, até mesmo de uma galinha sacrificada no terreiro de casa. Resolveu enfrentar o vestibular para mostrar à família do que que era capaz, depois de alguns anos de descuidada carreira como estudante. E chegou lá.

Agora, de volta da comemoração que os colegas organizaram para comemorar os cinquenta anos de formatura, à qual compareceu a contragosto, a bem dizer apenas para satisfazer a esposa, que acreditava estar ele deprimido e precisando de distração, tinha a sensação de que realmente deveria ter ficado em casa, e não se exposto ao ambiente que lhe parecia de falsa euforia, mal disfarçando a senectude de uns, associada ao fato de que muitos já haviam falecido, nem por isso sendo lembrados ali.

Ao longo de anos de carreira como médico clínico, sentia-se frustrado pela enorme dificuldade em fazer diagnósticos precisos ou produzir soluções reais para muitos dos pacientes que atendia, principalmente no ambiente público, mas também no consultório privado. O que ouvia de muitos deles eram queixas vagas, que muitas vezes não faziam sentido, com os exames que pedidos quase sempre absolutamente normais. Nada enfim, que se espelhasse nos livros de medicina que lera na faculdade ou mesmo com alguns pacientes com que convivera mais diretamente nos hospitais. Hospital, pensava ele, deveria um lugar onde realmente se poderia encontrar gente adoecida de fato, ou pelo menos onde seria possível exercer a arte dos diagnósticos, mas nem sempre era assim. Nos ambulatórios, todavia, era ainda pior, pois se ali havia de tudo, apenas uma pequena parcela com sintomas que levassem a alguma conclusão clínica precisa.

Por que não abandonou tudo aquilo enquanto ainda era jovem e tinha reservas de energia para tanto, sempre se perguntava. E era obrigado a admitir que não o fez por puro medo, seja da reação da família, do afastamento da namorada que era colega de faculdade, da falta intrínseca de coragem, pela frustração que causaria acima de tudo em si mesmo, o primeiro de toda a família a cursar faculdade, ainda mais de medicina.

Sofreu com isso por muitos anos, acreditando que o melhor para ele, mesmo de forma tardia, teria sido a migração para outra área,

radiologia, por exemplo, ou mesmo para fora da medicina. Percebia sua vida médica repleta de desgosto e frustração. Só muitos anos depois é que pôde entender que a grande questão que mobiliza pacientes, em toda parte, não era simplesmente a de ter males diagnosticáveis – e tratáveis. Neles, tudo se resumia a sofrimento, seja derivado da pobreza, das relações familiares corrompidas, da falta de sentido da vida, coisa tão antiga quanto a própria humanidade. E aquele sofrimento era, por natureza, fluido, vago, impreciso, não quantificável e nem mesmo diagnosticável ou classificável em taxonomias. Sentia ser este o foco principal de seus problemas, não estando preparado para enfrentar tais dilemas. Percebia que muitos poucos profissionais seriam capazes de dar conta de lidar com tal questão, nem para si próprios e muito menos em relação aos outros, o que os fazia habituais usuários de vias de escape. Nesta categoria enquadrava boa parte de seus colegas médicos, embora reconhecesse nisso certa projeção de um mal-estar que talvez fosse um problema restrito a ele

Olhava no espelho de sua formação médica e percebia que nela imperava algo como uma fórmula mágica, repassada geração após geração, que era repetida como um mantra desde os primeiros dias de faculdade: primeiro diagnosticar com precisão e só então tratar. Ele se indagava angustiado: como fazer acontecer tal exatidão diagnóstica? Seria possível que todas as queixas e sintomas que as pessoas apresentavam teriam que ser realmente “tratadas” daquela forma tradicional que a faculdade lhe ensinara, incluindo sempre medicamentos, intervenções ou, na melhor das hipóteses, terapias mentais?

Desgostoso como estava lembrou-se da palavra “casuística”, tão apreciada pelos colegas sempre prontos a demonstrar sabedoria e, principalmente, exibir uma trajetória profissional marcada pela experiência, inflando o peito ao pronunciá-la. Para rebatê-los, quando ainda tinha paciência e energia para tanto, chegou até a fazer consultas em dicionários e tratados, constatando, por exemplo, que este é um termo que tem suas aplicações principais nos campos da ética, da religião e da teologia, o que o fez suspeitar que talvez os colegas estivessem usando o mesmo sem as devidas licenças. Seu mal humor piorou quando viu em um tratado de filosofia ser tal expressão algo comum a culturas e circunstâncias históricas diversas, manifestando-se na filosofia estoica e confuciana, no Talmud, nos comentários do Corão, na filosofia escolástica, na teologia católica. Nada a ver com o uso vulgar que davam a tal palavra. Chega de pesquisas, pensou na ocasião, o melhor seria aceitar isso apenas como um recurso usado por vaidosos e pretensivos de diversas naturezas, entre os quais os colegas a quem ele desprezava.

A esta altura, sua implicância com a tal “casuística” médica se aprofundou ainda mais, ao obter por conta própria algumas noções de estatística e lógica, que lhe informaram que as possibilidades de

generalizações a partir de dados isolados ou não controlados formalmente são fonte de enganos, muito mais do que de certezas. Ele havia trabalhado na Saúde Pública, em uma repartição onde lhe cabia organizar a coleta de informações sobre as doenças de notificação obrigatória legal, tarefa que ali ninguém havia realizado antes. De posse de tais dados, ainda muito precários e pouco valorizados pelos médicos em geral, organizou-os em gráficos e tabelas e foi mostrá-los a plateias de homens de branco nos hospitais, convidados explicitamente para isso. Estes aí, de maneira geral, o cumprimentavam e elogiavam, porém sem deixar de olhá-lo como se fosse um ser portador de ideias estranhas e pouco práticas. Na ocasião, ouviu alguém dizer que aqueles casos de difteria apontados em um gráfico não deveriam ser verdadeiros, pois “a casuística” de que dispunha indicava que tal doença havia desaparecido da cidade havia décadas. Teve que se calar, porque os dados eram pouco confiáveis mesmo, mas a palavrinha continuou a lhe provocar pruridos cócegas... Até que um dia ela surgiu de novo. Ele foi incumbido de explicar um novo calendário de vacina aos pediatras da cidade e então um deles lhe sapecou a pérola de que sua *casuística* lhe revelava que tal mudança no calendário de vacinas seria desnecessária. Foi assim que ficou irremediavelmente implicado com tal palavra e com o pedantismo dos profissionais também.

Considerou então que tudo que dispunha na sua vida de médico não era, definitivamente, uma “casuística”, em qualquer das conotações que tal termo possuía nos tratados e dicionários, ou mesmo aquela vulgarizada pelos médicos. O máximo que ele poderia ostentar seria uma “*causuística*”, formada apenas por vivências, reflexões, impressões, incertezas. Apenas *causos*, coisas que a vida lhe mostrou, ora com dor, ora com alguma nobreza, e que chegaram até ele, seja como criança, estudante, médico, ou homem que apenas observara o mundo, com a devida humildade.

E este era seu estado de espírito na modorra e tédio de um aeroporto lotado, na volta para casa, depois das tais festividades cinquentenárias. Um atraso de pelo menos duas horas no voo já tinha sido anunciado e a esposa, consumidora e curiosa voraz, já entrava e saía por quantas lojas houvesse no ambiente, deixando-o, felizmente, entregue a seus devaneios.

Pôs-se assim a refletir sobre seus feitos médicos, tentando enumerá-los, a partir da memória que ainda mantinha de alguns pacientes que lhe foram marcantes, embora no fundo desconfiasse que tais realizações fossem um tanto irrisórias. Eram apenas *causos* que ele assistira como expectador privilegiado, mas realmente duvidava se fora sempre capaz pelo menos de melhorar a existência das pessoas que precisaram dele, quem diria salvar vidas.

Lembrou-se, por exemplo, de certa mulher que um dia o procurara cheia de queixas, coisa que, aliás, deveria fazer parte do acervo de

qualquer clínico. Ela era jovem e aparentemente portadora de uma vida bem estruturada, com marido, casa, filhos, emprego, conforto material. A cada dia ela aparecia com um sintoma novo e o visitava no ambulatório do serviço sindical em que atendia pelo menos uma vez por mês. Trazia exames sempre negativos. E falava de dores mutáveis, mal-estar impreciso, febres que não chegavam a ser registradas nos termômetros, desmaios, calafrios, tonteiras.

Um belo dia, o marido também apareceu na consulta, um homem corpulento, bem vestido, ao que parece pequeno empresário, confirmando a aparência de vida bem arrumada. Neste dia só ele falou. A mulher, tão loquaz habitualmente, não conseguiu proferir uma frase inteira. O marido, mesmo de forma cortês, a interrompia a cada meia dúzia de palavras para lhe passar sua própria versão das moléstias da esposa. E ela, conformando-se a ficar quieta em um canto.

Mas estas lembranças seriam dela mesmo, da mulher oprimida por um marido sem noção? Foram tantas pessoas assim que ele atendera...

Quando ao marido, não tinha dúvidas. Logo percebeu nele um tipo hiperativo, incapaz de um minuto de silêncio e disposto a preencher todo espaço vazio nas conversações, emitindo opiniões que abrangiam não só o campo pessoal, mas também política, futebol, religião, vida social etc. Além do mais, absolutamente dominador em relação àquela pobre criatura que ele chamava de *esposinha*. Explicou a ele que realmente estava tendo dificuldade em encontrar um diagnóstico preciso para sua mulher, mas que ia continuar tentando.

Mas a vinda daquele homem lhe abriu portas para entender um pouco melhor a situação da paciente, ao perceber que, longe de ser uma solução, aquele marido era um problema para ela. Na saída, ele voltou um passo atrás, fechou a porta da salinha de atendimento, mantendo a esposa do lado de fora e pediu um minuto em particular com o médico, para enfim revelar seu drama, concentrando-se especialmente no total desinteresse que a esposa tinha, já há alguns anos, por qualquer atividade sexual, pelo menos que o envolvesse também. E então mostrou fotos do quarto do casal, que havia mandado reformar, de modo a incluir cama redonda, banheira de hidromassagem, TV na parede, teto e paredes espelhadas, luzes estrategicamente distribuídas e outros ingredientes de sensualidade e erotismo. Mas tudo em vão, lamentava o frustrado sátiro. Para piorar as coisas, a mulher agora simplesmente se recusava a dormir em tal aposento.

O doutor tentou confortá-lo e pediu paciência. Talvez fosse necessário dar um tempo para a coitada da esposa, mas ele mal lhe ouvia. Já de saída e meio em segredo pediu ao médico que tentasse convencer a mulher, em próxima consulta, a se utilizar das benesses que tal alcova lhe facultava.

A próxima consulta aconteceu daí a alguns dias, com a paciente desacompanhada. Ele tentou abordar a questão do sexo. A mulher nem lhe deixou falar. Falou das iniciativas do marido, mas que não entraria naquele quarto definitivamente, porque ele lhe era infiel, tinha muitos casos fora do casamento, inclusive com amigas dela e, além do mais, copiara aquele projeto de quarto de um motel que frequentava com as amantes. E foi a vez dela me pedir que o fizesse desistir da ideia de levá-la a tal aposento.

Mas como ele, apenas um médico, poderia solucionar algo assim? A solução não seria a de ela desistir de tal marido? Daria mais certo.

A esta altura, tinha dúvidas dos próprios acontecimentos que lhe vinham à mente. Aquele homem adúltero tinha o mesmo jeito de um paciente que um dia lhe prometera uma vaca de presente. E aquela mulher lhe lembrava, se é que não fosse a mesma, aquela que um dia o surpreendeu tirando toda a roupa, inclusive íntima, quando ele lhe pediu que apenas levantasse a blusa para que ele lhe auscultasse o coração.

Era assim com ele nos últimos tempos, suas lembranças começavam a se acumular e se sobrepor ou misturar umas às outras.

Outra das lembranças que lhe veio naquela na tarde modorrenta foi a de um menino, quase rapaz, que viera de algum lugar nos sertões do Norte do Estado, que na época eram os grandes armazéns fornecedores de doentes para o hospital da Faculdade. Que doença tinha o tal sujeito? Simplesmente todas! Seu coração era uma bola, embora jovem, já devastado possivelmente pelas insidiosas incursões do *barbeiro*. O esôfago lhe fazia às vezes de estômago, pela sua dilatação e relativa imobilidade. Como se não bastasse ainda tinha um sopro cardíaco provavelmente associado a uma doença reumática não tratada. Ah, sim, e só ia à privada à custa de lavagens. Tinha também uma anemia intratável. Com mais de dezoito anos, ou mais, seu corpo era ainda o de uma criança e desafiava a medicina com seu acúmulo de problemas e, principalmente, com a evolução tão grave dos mesmos.

O moço estava internado ali há muitos meses. Seu prontuário já não cabia naquelas pastas metálicas, com presilhas flexíveis, que eram típicas dos hospitais da época; ocupava mais de uma caixa daquelas normalmente usadas para arquivar papéis mortos. Rever seu prontuário já era coisa quase impossível. O que havia nas tais caixas de arquivo era uma maçaroca de papéis, sem qualquer ordem, seja cronológica ou simplesmente *lógica*.

Quando ele, ainda um jovem doutor, encontrou tal paciente, resolveu inovar e buscar outros medicamentos, fora do que era padronizado nos protocolos, utilizando as boas graças dos propagandistas de laboratórios. As tais drogas foram se sucedendo e se alternando, sem resultado, mais

uma vez. Nisso, algumas das funções vitais dele começavam a degradingar, embora a regra médica de que é melhor explicar tudo com um único diagnóstico, nele fosse definitivamente subvertida.

Aos poucos, contudo, aquele moço foi sendo incorporado à paisagem. Em conversa com o médico, ele, que era de pouquíssimas palavras, disse que não tinha nenhum interesse em voltar para casa. Vinha de uma família miserável que não tinha como cuidar dele e que ali no hospital estava melhor do que em sua casa, tendo comida, roupa lavada, amigos e até mesmo alguma valorização, como os pressurosos residentes bem ou mal lhe ofereciam. E assim o coitado foi ficando. Completou um ano de internação e possivelmente ficou ali muito mais, com escassas chances de sobrevivência, dono que era de um organismo tão comprometido. Depois, não teve mais notícias dele.

Em suma, pensava ele naquela tarde de espera, algumas doenças não têm tratamento mesmo, embora seja possível que a tecnologia moderna desse àquele paciente uma vida mais confortável e mais longa, sem contudo lhe acrescentar a dignidade de que tanto carecia.

Mas de repete estacou. O paciente de que ele se lembrava era ele mesmo? Havia em suas lembranças outros pacientes igualmente pobres, igualmente roceiros, de diagnósticos também incertos. Um deles era exímio em tocar sanfona e ficara internado por meses a fio. Mas na sua cabeça agora era impossível diferenciar aquele ali de outros que lhe vinham à memória.

Lembrou-se também do senhor Joaquim, um homem de quase 80 anos, corpulento, jovial. Sua cabeça bem conformada e seus cabelos brancos o faziam parecido com Dorival Caymmi, não fazendo má figura como tal. Era um daqueles pacientes colaborativos, que acreditavam nos médicos, particularmente e tudo fazia para atender as recomendações deles, pois tudo que queria era pressa em receber alta logo e voltar a seus afazeres. O problema era o coração, que lhe batia sem pressa alguma, trinta e oito, no máximo quarenta vezes por minuto. Mais uma vez por obra e graça de um terrível protozoário caudado e seu agente contumaz, o inseto rajado.

A solução para ele era bem simples: um marca-passo. Mas ao mesmo tempo quase irrealizável naqueles tempos, com a população dividida entre os que tinham a “carteirinha” do INPS e os que não a possuíam. E Joaquim era do segundo grupo. Conseguir o tal aparelho era uma verdadeira façanha, que dependia da autorização de uma penca de burocratas. E assim a espera de Joaquim se arrastava, por meses a fio.

O paciente insistia, com doçura, que seu sonho era voltar logo para casa, reencontrar sua mulherzinha, tão jovem, rever seu burrinho, botar de novo sua carroça para andar e ganhar a vida com algum frete.

Mas aquela mulherzinha jovem não seria a mesma que o marido lhe trouxe um dia para que lhe fizesse um *traçado* da cabeça, pois que era nervosa e tinha crises de agitação e agressividade? Não com certeza aquela era outra. Ou lhe parecia ser. A cabeça embaralhava as lembranças e ele já não sabia mais quando ou quem foi aconteceu.

Espera aí... Joaquim não era o homem cujo nariz aparecera com um problema, que o deixara do tamanho de uma beringela? Não este era Antônio. A cabeça, de novo, era pura nebulosidade. Mas não lhe trazia desconforto tão grande, sendo apenas um modo de descanso na vida, pensava. Esquecer para descansar.

Ah, sim, seu Joaquim. Conversa vai, conversa vem, conseguiu-se a promessa de um fabricante de equipamentos que ele seria atendido em no máximo quarenta dias. Simples a solução, então: era dar alta e pedir que voltasse algumas semanas depois. Mas cabia dar a notícia ao homem cujo coração corria o risco de parar de bater. Se ele ficasse ansioso, ou de alguma forma com os nervos sob ataque, temia-se que aqueles trinta e tantos batimentos se reduzissem ainda mais. E coube a ele dar a notícia ao carroceiro, depois de muitos rodeios, que ele deveria ir para casa, para ser convocado depois, pelo Serviço Social, quando o precioso equipamento estivesse disponível. Joaquim sorriu amarelo, mas resignou-se. A frequência cardíaca manteve-se ritmada, abaixo dos quarenta batimentos regulamentares, mas sem quaisquer sintomas ou sinais preocupantes. O médico lhe fez prescrições e recomendações, entre elas que não fizesse esforços e evitasse contratemplos, se isso lhe fosse possível.

Duas ou três semanas depois da alta, Joaquim estava de volta, mais magro, um pouco abatido, com um enorme curativo na frente, tendo todo o crânio rodeado por uma faixa de atadura, na qual ainda havia manchas de sangue. E foi logo explicando o acontecimento: voltara para casa e chegando lá encontrou a mulherzinha nos braços de outro, que lhe havia também subtraído, para vender, aquele querido burro e a respectiva carroça. Ainda por cima lhe veio com ameaças. Ele correu atrás do Dom Juan com um porrete, mas o mesmo sacou de um revólver e atirou nele, tendo uma das balas lhe alcançado a cabeça. E ele ainda detalhou: *me entrou na parte da frente e saiu pela de trás, sem bulir com os miôlo.*

E ele viu como era vão o seu temor, de que ele tivesse uma parada cardíaca apenas com a má notícia de que seu marca-passo ainda demoraria mais algumas semanas para chegar. Mais uma surpresa da vida, que faz da ação dos médicos apenas uma, entre outras, das possibilidades de se ter sucesso na clínica.

A mulher seria a mesma da qual o marido lhe tinha solicitado um *traçado da cabeça*? Não havia como saber, a esta altura dos acontecimentos. Era melhor relaxar e deixar as ideias fluírem. Devia ter aproveitado da festa

e checado com os colegas algumas coisas, mas certamente foi melhor ter deixado pra lá.

A história de Joaquim lhe trouxe Antônio, o homem do nariz de beringela de volta. Aquilo era um nariz enorme, inchado, vermelho, suculento. Seria um Cyrano de Bergerac, porém bem menos agradável. O apêndice, que parecia ter vida própria naquele rosto castigado, era como uma fruta ou legume maduro, mas isso não o isentava de se mostrar também repugnante, pois dele minava secreção copiosa e fétida. O pobre homem mal tinha quem se encorajasse a se aproximar dele, figurando um daqueles leprosos medievais. A história clínica sugeria uma infecção, quem sabe uma micose, agravada, talvez, pela visível higiene precária do personagem. Examina aqui, examina dali, colhe-se material, esperam-se resultados. E o tempo vai passando. Até que um dia o diagnóstico se fez sozinho. O pobre Antônio começa a eliminar pelas narinas uma legião de larvas de mosca de berne. A esta altura, a higiene local com água sanitária, além da aplicação de compressas de vaselina, que sufoca as tais larvas e as faz fugir, resolveram a questão em poucos dias. Inclusive a fedentina cedeu.

A história só não teve um final feliz porque Antônio era pobre, muito pobre, e vivia sozinho, quase abandonado. Seus hábitos higiênicos eram dignos de um vivente medieval, fosse servo ou senhor. E tendo recebido alta, voltou para sua vida de sempre. Toda essa história, entre o dramático e o escatológico, lhe veio à mente por mais uma vez fazê-lo refletir sobre a compreensão entre o que é estar doente, na visão dos próprios pacientes, e a maneira distante e técnica como os veem os médicos, que apenas perseguem diagnósticos, para então aplicar tratamentos heroicos.

Diante de sua indagação a Antônio sobre como isso pôde ter lhe acontecido ao nariz, recebeu dele, um tanto acanhado, meio se desculpando: *pois é seu doutor, não sei não; é que às vezes a gente distrai do nariz.*

Isso lhe fez lembrar de uma frase famosa, que um professor da Faculdade gostava de repetir: *a medicina é a arte de distrair os pacientes enquanto a natureza trabalha.*

O caso da beringela trouxe-lhe de volta seu amigo Pedro, que a este tempo trabalhava junto com ele na mesma enfermaria e que tinha participado do atendimento daquele infeliz. Pedro tinha um filho com síndrome de Down e um dia lhe contou como ficou sabendo de tal infortúnio. Como estava de plantão em outra cidade quando a esposa entrou em trabalho de parto, só pôde estar com ela algumas horas depois, quando o bebê já tinha nascido. A recepção que teve por parte da encarregada do berçário foi chocante: *uai, pensei que o senhor era japonês, o bebê tem os olhos tão puxadinhos.* Ele lhe revelou isso uma certa vez, com os olhos inicialmente marejados, mas depois em estado

de choro convulso. Ele só lhe fez abraçar, por falta absoluta de palavras de consolo.

Chamavam seu voo. A esposa já voltara, agora a apressá-lo como sempre, parecendo mais interessada em que ele lhe carregasse a mochila e as sacolas de compras, do que propriamente na sua companhia. Além do mais ele andava tão desligado que certamente não faria boa presença com ela. E assim seguiu para o embarque, cabisbaixo e ainda sufocado pelas lembranças que despertara em si mesmo. No meio das lembranças dos pacientes ainda lhe veio o drama de Pedro, para afundá-lo ainda mais em desconforto.

No avião, por sorte, não havia lugar ao lado da mulher, o que lhe trouxe certo alívio, pois assim poderia prosseguir naquela outra viagem íntima que já tinha iniciado na sala de espera. Acomodou-se e puxou a memória para resgatar o ponto onde parara. O drama de Pedro, o nariz de Antônio, as complicações múltiplas de um rapaz perdido no tempo... Onde fora mesmo? Na raiz de seu mal-estar talvez estivesse aquela festa sem pé nem cabeça, a falsa alegria senil à qual se vira obrigado a estar presente. Os colegas envelhecidos, calvos, de barrigas protusas, repetindo piadas desgastadas, aplicando verdadeiros murros uns nos outros à guisa de abraços, eram como uma mensagem aziaga, feita de falsidade e redundâncias. Realmente não devia ter vindo. Aqueles contatos íntimos e forçados só serviram para lhe despertar dores incubadas. E mesmo ali na poltrona do avião, tentando relaxar, ainda lhe incomodavam.

Aos setenta anos não havia muito o que fazer, senão suportar as dores físicas e psíquicas, tentando encontrar algum derivativo em leituras, trabalhos manuais, algo assim. Pensando nisso, lembrou-se da cirurgia de catarata que vinha adiando há anos, por puro medo de dar errado. Se pudesse voltar no tempo, teria jogado fora a carreira médica e estudado outra coisa, Jornalismo ou Letras, por exemplo. Já há algum tempo se dava conta que sua opção profissional foi construída em cima de equívocos sem conta. Foi fazer medicina por ter boas notas e ter se transformado em aluno competitivo, nada mais. Vocação legítima era coisa que certamente não contara para ele. As primeiras aulas na faculdade, ao lado de um cadáver que nem precisava estar ali, já lhe mostraram um caminho mal começado. Se pelo menos tivesse a seu alcance gente, na modalidade *viva*... Entretanto o que lhe davam era um cadáver; depois cortes em lâminas de vidro; mais adiante, sapos, cães, tubos de ensaio e cálices com sangue e secreções diversas. Quando finalmente chegou a hora do encontro sonhado, vieram radiografias, papéis, debates, corridas de leito totalmente impessoais, com tediosas intermediações de luminares vaidosos.

Tal foi a minha vida de médico, pensava. O que realmente pudera fazer de bom e útil para os outros? O que a faculdade lhe trouxe de especial para, em termos humanos, não sendo capaz nem mesmo de lhe ter

ensinado a dar notícias ruins ou consolar quem fosse alvo delas? Que medicina era aquela, que celebrava os casos raros e se esquecia do que era corriqueiro? De onde vinha tanta certeza e conformismo que aceitava manter uma pessoa internada durante meses apenas para satisfazer uma compulsão especulativa de especialistas? Para que tipo de pessoas e de país se ensinava aquela medicina elitista? Por que especular quase tudo sobre as doenças, mas muito pouco sobre as pessoas que as portavam? Por que não lhe ensinaram o valor, por exemplo, de indagar dos desejos e projetos dos pacientes, e não apenas de suas dores e sinais patológicos ou hereditários? Sim, porque um indivíduo não significa apenas um pacote de vísceras, sangue e ossos, mas o resultado de um vasto conjunto de relações com o mundo dos outros indivíduos e da natureza, quem sabe com ramificações cósmicas. A sexualidade das pessoas e suas variantes não deveria também fazer parte do que se ensinava na faculdade, longe de ser tratado como assunto obscuro ou imoral? O que realmente passava pela cabeça de certos professores – e talvez da maioria dos estudantes – que medicina, cultura, questões sociais e política são coisas que devem continuar separadas, longe das preocupações dos praticantes da saúde?

Quantos equívocos...

Embalado pelo ronronar macio do motor a jato adormeceu, como quem foge de *cuidados graves*.

*O sol é grande, caem co'a calma as aves,
do tempo em tal sazão, que sói ser fria;
esta água que d'alto cai acordar-m'-ia
do sono não, mas de cuidados graves.*

*Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos vai dia trás dia,
incertos muito mais que ao vento as naves.*

*Eu vira já aqui sombras, vira flores,
vi tantas águas, vi tanta verdura,
as aves todas cantavam d'amores.*

*Tudo é seco e mudo; e, de mestura,
também mudando-m'eu fiz doutras cores:
e tudo o mais renova, isto é sem cura!*